

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA A SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE

Solange da Silva Guimarães

O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA SALA DE
AULA: Limites e Possibilidades

RIO DE JANEIRO
2011

Solange da Silva Guimarães

O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA SALA DE
AULA: Limites e Possibilidades

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Mídias na Educação do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do Título de Especialista em Mídias na Educação.

Orientador: Professor Dr. Alexandre Ferreira de Mendonça

RIO DE JANEIRO

2011

Guimarães, Solange da Silva.

O uso das tecnologias de informação e comunicação na sala de aula: limites e possibilidades / Solange da Silva Guimarães.— Rio de Janeiro: Nutes, 2011.

68 f. : il. ; 31 cm.

Orientador: Alexandre Ferreira de Mendonça.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) -- UFRJ, Nutes, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde, 2011.

Referências bibliográficas: f. 66-68

1. Educação em Ciências e Saúde. 2. Tecnologia da informação e comunicação – Escolas públicas – Rio de Janeiro. 3. Mídias na educação. 4. Ensino – Meios auxiliares. 5. Inovações educacionais. 6. Tecnologia Educacional em Saúde - Tese. I. Mendonça, Alexandre Ferreira de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Nutes, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde. III. Título.

Solange da Silva Guimarães

**O USO DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NA SALA DE
AULA: Limites e Possibilidades**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências e Saúde, Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do Título de Especialista em Mídias na Educação.

Aprovado em _____

Prof. Dr. Alexandre Ferreira de Mendonça – UFRJ

Profa. Dra. Adrianly Ferreira de Mendonça – UFRJ

Prof. Dr. João Luiz Leocádio da Nova – UFRJ

AGRADECIMENTOS

Ao professor Alexandre Ferreira de Mendonça
pelas orientações, apoio e compreensão ao
longo da produção deste trabalho.

Aos colegas, professores e coordenadores
do Curso de Mídias na Educação.

Agradeço aos meus pais, José e Irene,
por me proporcionarem viver em um
ambiente agradável e motivador
propício ao conhecimento desde minha infância.

Aos meus irmãos, que participaram e influenciaram
o meu crescimento pessoal e profissional.

Às minhas sobrinhas Fabiana e Aline
por compartilharem comigo
indagações durante o curso

À minha amiga Márcia Bezerra que com seu carinho e dedicação,
me ajudou ao longo desta jornada acadêmica.

Aos meus colegas de profissão
que sempre embarcaram em meus projetos.

E com carinho especial a todos os meus alunos
que nesses 26 anos de profissão me motivaram
a nunca parar de aprender.

*"Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas.
Pessoas transformam o mundo"
Paulo Freire*

RESUMO

GUIMARÃES, Solange da Silva. **O USO DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NA SALA DE AULA: Limites E Possibilidades.** Rio de Janeiro, 2011. Monografia (Especialização em Mídias na Educação) – Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Este estudo busca fazer uma reflexão acerca das possibilidades e limites das novas tecnologias nas escolas, concebidas como espaço social por onde circulam e interagem diferentes culturas, mas que ainda reproduz um ensino homogêneo através de um currículo que muitas vezes silencia as diversidades. Tendo por referencial teórico o pensamento dos filósofos Michel Foucault e Gilles Deleuze, foi possível indagar se de fato as escolas estão vivenciando uma experiência pautada na inovação ou se as novas tecnologias tratam-se de mais uma nova opção técnica da sociedade de controle.

Palavras-chave: Tecnologia, Educação, Currículo, Poder

ABSTRACT:

GUIMARÃES, Solange da Silva. **USE OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES IN THE CLASSROOM: Limits and Possibilities.** Rio de Janeiro, 2011. Monografia (Especialização em Mídias na Educação) – Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

This study seeks to reflect on the possibilities and limits of new technologies in schools, designed as a social space where different cultures interact and move, but it still depicts a homogeneous education through a curriculum that often silences diversity. Having for the theoretical thinking of the philosophers Michel Foucault and Gilles Deleuze, we could ask whether in fact the schools are experiencing an experience based on innovation or new technologies to deal with yet another new technical option of controlling society.

Keywords: Technology, Education, Curriculum, Power

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Projeto Passeando também se aprende	50
Figura 2 - Exibição e Debate de vídeos	52
Figura 3 - Entorno da escola	54
Figura 4 - Beco dos Crioulos	58
Figura 5 - Outras Experiências	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) NUMA SOCIEDADE EM TRANSIÇÃO	14
CAPÍTULO II - SOCIEDADE, CULTURA ESCOLAR E COMUNICAÇÃO.....	25
2.1. A INFLUÊNCIA DAS TICs NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	28
2.2. IMPLICAÇÕES DAS TICs NA EDUCAÇÃO.....	32
2.3. O USO PEDAGÓGICO DAS TICs	33
2.4. INFORMÁTICA NA ESCOLA.....	35
2.5. POSSIBILIDADES E LIMITES	41
CAPÍTULO III - CULTURA ESCOLAR E NOVAS TECNOLOGIAS.....	45
3.1. UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO.....	45
3.2. IMPLEMENTAÇÃO DAS TICs NA ESCOLA.....	47
3.3. O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO	48
3.4. EXPERIÊNCIAS DO CAMPO: O ENTORNO DA ESCOLA	52
3.5. OUTRA EXPERIÊNCIA DO CAMPO: “BECO DOS CRIoulos”.	56
3.6. ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS.....	66

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto do interesse acerca da escola pública e dos entraves para a consolidação das novas práticas pedagógicas que promovam o sucesso escolar que tem na implementação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas escolas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro a possibilidade de contribuir para o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem. A utilização das ferramentas tecnológicas está sendo usada na transformação do conhecimento de forma mais interativa e significativa para o aluno, propiciando o diálogo entre as diversas linguagens, que são tão importantes na sociedade da informação e do conhecimento?

No entanto, vale ressaltar que as práticas escolares estão fundamentadas num currículo e este se entrelaça com a cultura escolar e com as relações hegemônicas de poder que tendem a exercer um certo controle de todo processo de produção de conhecimento.

Ao longo da história, percebe-se que o desenvolvimento individual e social do ser humano está intimamente ligado a sua educação. Esta “arma poderosa” tanto serve para libertar e transformar o mundo como para oprimir e controlar a vida de um indivíduo ou de uma sociedade. Foucault (2010, p.200) descreve que “a escola tende a constituir minúsculos observatórios sociais para penetrar até nos adultos e exercer sobre eles um controle regular”.

Ao poucos, a escola como instituição foi sendo implementada pelo mundo ocidental, tendo por base o modelo europeu que fundamentou sua ação pedagógica no rigor disciplinar, no método cartesiano e na organização do currículo escolar em disciplinas como forma de garantir a eficácia do processo ensino-aprendizagem. Segundo Foucault (2010, p.164), “A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.”

Desde o século XVIII até os dias atuais, o mundo vem passando por profundas transformações sociais, culturais, econômicas, políticas, científicas e tecnológicas, por isso é importante refletir sobre a organização do espaço

escolar nesse contexto social, já que este tende a reproduzir a época e o momento histórico da sociedade na qual está inserido.

A sociedade do século XVIII até meados do século XX foi denominada pelo filósofo Michel Foucault de sociedade disciplinar. A partir da Segunda Guerra Mundial, o cenário internacional passou por um rápido processo de desenvolvimento tecnológico, principalmente na área da informática e da comunicação ocasionando a mudança do modelo de sociedade disciplinar para sociedade denominada por Gilles Deleuze como sociedade de controle.

A sociedade contemporânea encontra-se num processo de transição entre um modelo e outro. As instituições fechadas (escola, o hospital, o quartel e a prisão) denominadas por Foucault como confinamento de “fabricação de corpos dóceis” que surgiram para atender ao sistema capitalista de produção fabril entraram em crise, pois a ideologia do mundo globalizado passa a ser outra: é preciso continuar moldando corpos dóceis e produtivos, porém com a sofisticação da tecnologia de controle é possível fazê-la de forma mais sutil e alienadora, e mesmo assim, obter os resultados que atendam aos interesses da economia do mercado capitalista globalizada.

Graças ao advento das novas tecnologias do século XX principalmente com o avanço das telecomunicações, foi possível deslocar as relações de poder também para o campo virtual, caracterizando esse novo estágio de sociedade de controle.

Atualmente, continua sendo importante moldar corpos dóceis, porém é urgente exercer um controle mais extensivo utilizando-se da influência das novas TICs na reprodução de comportamento moldável de acordo com os interesses do mercado consumidor e das classes dominantes.

As novas tecnologias passaram a auxiliar e a influenciar todos os setores da sociedade e a derrubar os limites geográficos de forma vertiginosa, produzindo um efeito crescente de desenvolvimento desigual em toda parte do planeta. O mundo se transformou numa imensa “aldeia global”, e fez surgir uma nova compreensão de tempo e espaço através da disseminação do conhecimento e dos acontecimentos que passaram a ser cada vez mais instantâneos pela presença das novas TICs.

O papel da escola na sociedade de controle é cada vez mais árduo, pois não se pode esquecer de que é uma instituição inserida numa sociedade neoliberal que prega o individualismo, a competição, tornando-se mais excludente, contribuindo assim para a reprodução de comportamentos conflitantes dentro da sala de aula.

Segundo Gallo (2008, p.65), “é preciso fazer da sala de aula um espaço a partir do qual se trace estratégias, onde o professor estabeleça sua militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional”

No entanto, pensar numa escola pública cidadã não é tão simples já que a educação vem se tornado cada vez mais complexa e recebe cada vez mais influências externas, como recursos das iniciativas privadas e organizações não governamentais, que tem compromisso com o lucro e não com o social.

É discurso comum da esfera municipal, estadual ou federal afirmar e reafirmar que é preciso implementar as novas TICs nas escolas (TV, vídeo, telefone, rádio, computador, Internet e outras tecnologias) para garantir a melhoria do ensino, como se essas medidas fossem resolver os principais problemas da educação. De qualquer forma, o aluno chega à escola trazendo uma bagagem cultural de massa influenciada pelas Novas TICs e com uma visão de mundo que vai além do bairro em que mora. Diante dessa realidade, é preciso gerar novos procedimentos e metodologias para integrar os meios de comunicação à educação.

Os programas de inclusão digital da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro apresenta limites e possibilidades na implementação dos recursos tecnológicos nas escolas. A questão é que essas instituições ainda não descobriram a melhor maneira de utilizar as novas TICs no ambiente escolar, pois sua organização estrutural continua a mesma e as metodologias carregadas de ritos da escola tradicional.

O imenso aparato pedagógico-tecnológico disponibilizado pela SME para as escolas cariocas tais como: cadernos de orientações pedagógicas, Educopédia (plataforma online colaborativa de aulas digitais), programações produzidas pela MultiRio (Empresa Municipal de Multimeios), RioEduca.net

(blog), aulas de reforço digitais, prova Rio, etc. tem contribuído para o engessamento e a padronização da educação em sua rede de ensino. Esses recursos pedagógicos disponibilizados pela SME nas escolas municipais do Rio de Janeiro tendem a controlar o currículo escolar através da aplicação da Prova Rio. Através desta avaliação é possível saber se as metas estabelecidas pela SME estão sendo alcançada. O objetivo maior destas ações é preparar/treinar os alunos para terem um bom desenvolvimento na Prova Brasil, o que influencia diretamente no aumento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do Município do Rio de Janeiro. Este instrumento avaliativo foi criado pelo Ministério da Educação em 2007, com escala de 0 a 10. Seu cálculo tem como base as provas de português e matemática da Prova Brasil, aplicada pela rede pública em aproximadamente 5,4 mil municípios, e os índices anuais de aprovação dos alunos – tanto nos anos iniciais quanto nos finais do ensino fundamental. A Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, a fim de “motivar” os professores a seguirem a risca suas orientações criou o IDE-Rio, premiando os profissionais de educação das escolas que aumentarem os seus índices com o 14º salário.

O professor precisa estar atento para não perder a visão crítica do processo educacional em que está inserido e se tornar um mero instrumento a serviço dos interesses neoliberais que insistem na tese de fazer competição entre as escolas que vivem realidades distintas: de localização, público atendido, recursos humanos e infraestrutura. Urge que se invista numa escola que atenda aos reais interesses da comunidade escolar. Para isso, é necessário fundamentar todas as ações num projeto político pedagógico que valorize a gestão democrática, a autonomia e a participação de todos.

Neste sentido, vale ressaltar que cada escola deve dar voz a sua própria cultura para definir seus objetivos e metas e assim, contribuir na formação individual e social de seus alunos e de sua comunidade de forma consciente, pois as escolhas curriculares influenciarão diretamente no processo de ensino e aprendizagem.

É um grande desafio para a escola, comprometida com um espaço democrático, implementar as novas TICs, pois o letramento digital dos alunos,

aos poucos, está se ampliando e o sentido da escola redimensionando. Este desafio inclui a criação de estratégias para que se possa aprender a dominar as novas tecnologias, compreendendo com clareza seu funcionamento e suas possibilidades para garantir a participação crítica de todos na Sociedade de Informação e do Conhecimento.

Este estudo busca compreender como a utilização das novas tecnologias pode despertar uma nova postura no aluno diante do conteúdo a ser aprendido, redimensionando o processo de ensino-aprendizagem. Para isso, foi elaborado um breve histórico da importância da disciplina na sociedade moderna e contemporânea tendo por base as teses de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Além disso, abordou-se a inserção das novas TICs no processo de ensino-aprendizagem e sua contribuição na melhoria da qualidade da educação. O objeto foi analisado a partir de uma abordagem qualitativa por meio de revisão bibliográfica, observação e de relatos de experiências desenvolvidas por um grupo de professores do ensino fundamental em uma escola pública da rede municipal de ensino da Cidade do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO I - AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) NUMA SOCIEDADE EM TRANSIÇÃO

Segundo Foucault (2010), na Idade Moderna, com a consolidação das instituições sociais: a escola, o hospital, o quartel e a prisão passam a ser vistos como locais de criação de "corpos dóceis". Estas instituições oficializadas pelo Estado tornam-se então, construções de confinamento e aglomeração de determinadas populações objetivando a incorporação de regras morais e normas jurídicas para uniformizar o comportamento humano.

Com o avanço científico e tecnológico a escolarização do indivíduo passa a ser imprescindível, pois sem uma educação sistemática e intencional dificilmente o indivíduo teria condições de inserir-se numa sociedade tão complexa. Como firma Foucault:

Os mecanismos de disciplina são, portanto, antigos, mas existiam em estado isolado, fragmentado, até o século XVII e XVIII, quando o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova técnica de gestão dos homens. Fala-se, freqüentemente, das invenções técnicas do século XVIII - as tecnologias químicas, metalúrgica, etc. - mas erroneamente, nada se diz da invenção técnica dessa nova maneira de gerir os homens, controlar suas multiplicidades, utilizá-las ao máximo e majorar o efeito útil de seu trabalho e sua atividade, graças a um sistema de poder suscetível de controlá-los. Nas grandes oficinas que começam a se formar, no exército, na escola, quando se observa na Europa um grande processo de alfabetização, aparecem essas novas técnicas de poder, que são uma grande invenção do século XVIII. (FOUCAULT, 1979, p. 105).

Assim, a escola entre outros agentes socializadores tem a função de atender aos interesses do Estado que gradativamente moldam e incorporam comportamentos aceitáveis sem gerar grandes conflitos sociais, pois como descreve Veiga Neto sobre a ótica foucaultiana:

A docilização do corpo é muito mais econômica do que o terror. Esse leva à aniquilação do corpo; aquela mobiliza o corpo e retira-lhe a força para o trabalho. Assim, se o terror destrói, a disciplina produz. [...] Novas técnicas de poder que centradas no corpo dos indivíduos implicaram resultados profundos e duradouros até em âmbito macropolítico. [...] Foucault está falando aí de práticas disciplinares e de vigilância como uma ação que institui e mantém tais práticas; ele está falando de disciplinamento e panoptismo. (VEIGA NETO, 2007, p.65)

A sociedade do século XVIII até meados do século XX foi denominada por Michel Foucault de sociedade disciplinar. Nesta sociedade o modelo panóptico inspirou o projeto arquitetônico de inúmeras prisões, fábricas, asilos e escolas. Idealizado pelo filósofo inglês Jeremy Bentham essas instituições foram construídas para gerar a sensação de vigilância e punição:

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens: um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes de poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça. (FOUCAULT, 2010, p.194)

O indivíduo era vigiado o tempo todo sem que pudesse ver seu observador. O panóptico não permitia a comunicação entre os sujeitos, muito pelo contrário, gerava medo e resignação para criar na mente do vigiado um olhar normativo e um comportamento dócil de forma contínua e permanente.

E eis que esta ideologia do medo instaurada gerou ações pedagógicas que garantiram a eficácia do processo ensino-aprendizagem fundamentada no rigor disciplinar:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior 'adestrar'; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. (FOUCAULT, 2010, p.164)

O sucesso da imposição disciplinar exigia: vigilância hierárquica, sanção normalizadora e exame. Esses elementos passaram a conduzir o poder disciplinador e as técnicas de recursos para o bom adestramento do corpo e da mente. Daí, relacionar a questão do poder com o saber instaura-se uma nova tecnologia de poder relacionado ao conhecimento. Dentro do contexto educacional, o saber é estruturado para moldar os corpos através da disciplina e do exercício que transforma e aperfeiçoa socialmente o indivíduo de forma produtiva e ordenada: De acordo com o pedagogo Mariano Narodowski:

a pedagogia moderna nasce com o conceito de que a criança deve ser educada. Se durante muito tempo corriam pelo povoado,

aprendiam espontaneamente e se vinculavam a muitos adultos, aprendiam espontaneamente em determinado momento (que o historiador Philippe Ariès situou no final da Idade Média) surgiu uma nova “sensibilidade” com relação a criança, uma nova forma de cuidar dela. Narodowski argumenta que a criança será ‘infantilizada’: inicia-se uma tendência segundo a qual a criança precisa de maiores cuidados, que é preciso colocá-la em uma instituição que necessita de regras mais rígidas. Esta postura constante de cuidados com a criança, e sua vigilância intensiva, permite a formação e a estruturação de um saber que justifica as razões para essas ações, suas finalidades e seus métodos: a pedagogia. (DUSSEL; CARUSO, 2003, p.20)

A educação institucional passa a funcionar como um instrumento de transmissão e preservação dos valores da sociedade, por este motivo muitas vezes se vê obrigada a assumir uma postura autoritária para garantir um bom aprendizado e consolidar o status quo. Como descreve Foucault:

As disciplinas são os mecanismos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade. “A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. (FOUCAULT, 2010, p. 143)

A estrutura organizacional da escola passou a moldar e uniformizar os comportamentos divergentes desconsiderando as peculiaridades individuais. Criam-se mecanismos disciplinares para desmobilizar qualquer tipo de resistência ou insubordinação: o aluno devia permanecer sentado na posição correta, não se ausentar da sala, não falar durante a aula, usar uniforme, etc.

Do outro lado, o professor também tinha regras a cumprir como manter uma postura autoritária, permanecer na sala de aula o tempo todo, usar roupas apropriadas ao ambiente, etc. Todos são condicionados a não questionar as regras estabelecidas a fim de garantir um ambiente produtivo. Os ritos passam a integrar o cotidiano da escola.

Segundo Foucault:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência [...]).

O treinamento das escolas deve ser feito da mesma maneira: poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo um silêncio total

que só poderia ser interrompido por sinais- sinos, palmas, gestos, simples olhar de mestre [...]. O aluno deverá aprender o código dos sinais e atender automaticamente a cada um deles. (FOUCALUT, 2010, p.133, 134, 160)

As normas existem para serem internalizadas de forma individual e ao mesmo tempo coletiva com intuito de modelar comportamentos para não haver necessidade de punição.

Os alunos considerados desobedientes e preguiçosos são grandes vítimas desses métodos corretivos. A eles eram ministrados pequenos castigos físicos e humilhações, a utilização da palmatória, puxões de orelhas, rosto virado para parede, obrigação de frequentar turmas de acordo com o desempenho escolar: “classes adiantadas e atrasadas”. Segundo Foucault (2010, p.142), “o espaço escolar funciona como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar.” Para garantir a eficácia da aprendizagem, o exame adquiriu uma conotação de sanção e também a ideia de constante vigilância. Para isso, foi criado um ritual para formalizar sua importância no controle da avaliação, sua função punitiva e a reeducação se assim fosse preciso.

A posição de subordinação da turma em relação ao professor era visível, pois este podia punir seus alunos sem qualquer constrangimento, já que concentrava em sua mão o direito de cobrar minuciosamente os conteúdos que lhe fora ensinado.

Segundo Foucault:

O castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios. Deve, portanto ser essencialmente corretivo [...]. De um modo global, pode-se dizer que as disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas. (FOUCAULT, 2010, p.173, 206).

As escolas se utilizavam de mecanismos disciplinares rígidos a seus jovens com intuito de legitimar as relações de poder no dia a dia e “fabricar” adultos politicamente e economicamente passivos de forma a atender às necessidades da sociedade que era organizada de forma produtiva, tal qual uma fábrica.

Após a Segunda Guerra Mundial, o cenário internacional passou por um rápido processo de desenvolvimento tecnológico, principalmente na área da informática e da comunicação. Tal fato ocasionou uma série de mudanças nas esferas social, econômica, política e cultural, exigindo-se assim, novas técnicas de controle.

Segundo o filósofo Gilles Deleuze as instituições sociais (prisão, hospital, fábrica, escola, família) passam por um processo de transição. O controle sobre os corpos entraram em crise nestas instituições e é preciso encontrar novos modelos disciplinares de dominação:

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um 'interior', em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional, etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. (DELEUZE, no texto "Post-Scriptum sobre as sociedades de controle, 1992, p.219, 226)

Na sociedade contemporânea a ideia de vigilância experimentou um novo estágio social, pois as técnicas de controle passaram a ser mais sofisticadas, ultrapassando os limites dos espaços fechados, se ampliando para os espaços abertos. Deleuze escreveu no texto "Post-Scriptum sobre as sociedades de controle:

'Controle' é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virillo também analisa sem parar as formas ultra rápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. (DELEUZE, no texto "Post-Scriptum sobre as sociedades de controle, 1992, p.219, 226)

Hoje, é comum que se espalhem câmeras por todos os lados: shopping center, condomínios, elevadores, aeroportos, supermercados, prisões, e até escolas e pelo espaço público urbano como ruas e praças.

Os dispositivos de vigilância podem ser instalados em todos os espaços existentes sem grandes custos financeiros e de forma bem mais sutil. Agora,

somos vigiados não só em espaços fechados, mas durante todo o nosso percurso do dia a dia.

A sociedade disciplinar vem gradativamente cedendo lugar à sociedade de controle. Se antes o olhar normalizador era em tempo real, agora passa a ser também virtual e à distância. Nas palavras de Deleuze (1992): “Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições.”

Esses novos dispositivos de controle transformam o modo de viver, pensar, sentir e agir dos indivíduos. Segundo Deleuze (1992): “Não há necessidade de ficção científica para conceber um mecanismo de controle que forneça a cada instante a posição de um elemento em meio aberto”, o medo de transgredir as regras e ser descoberto induz o indivíduo ao autocontrole, pois este tem consciência de que seus atos podem se tornar público através da vigilância e do monitoramento das câmeras.

A auto-vigilância embora sirva como forma de prevenção, cria também a sensação de segurança nas pessoas, se tornando mais eficaz e gerando menos possibilidades de resistência. O indivíduo vai se familiarizando e incorporando tão naturalmente esse novo mecanismo de controle que ajuda a fortalecer a cultura do medo e a compactuar com as novas formas de poder numa sociedade tão complexa e de grandes mazelas sociais.

Se de um lado as novas TICs sofisticaram o controle sobre as pessoas, do outro temos os meios de comunicação de massa também colaborando na disseminação de um modelo de sociedade que segue determinados padrões. Estes veículos de comunicação têm o poder de modificar comportamentos de forma sedutora e prazerosa já que atendem aos anseios e desejos da população de consumo. Segundo Deleuze (1992), “o homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado.”

Desde o processo de redemocratização política e da promulgação da Constituição de 1988, o Brasil vivencia uma sociedade mais democrática, porém focado nos interesses da economia neoliberal. Isto tem contribuído para o investimento em políticas públicas que reforçam os interesses da ideologia dominante que muitas vezes se utiliza das novas TICs para propagar idéias de

que uma educação de qualidade tem que estar fundamentada na modernidade tecnológica e na produtividade.

A nova tendência na reorganização da educação em todos os níveis de ensino é adaptar-se rapidamente ao modelo empresarial (DELEUZE, 1992). Para confirmar o pensamento de Deleuze pode-se destacar a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro que atrelou o pagamento do 14º salário a uma premiação. Só terão direito ao benefício os profissionais que atingirem as metas estabelecidas pela SME, calculadas com base no Índice de Desenvolvimento da Educação do Rio de Janeiro (IDE-Rio).

Segundo a secretária de educação Cláudia Costin:

O índice é medido pela Prova Rio, uma avaliação externa aplicada a 129.338 alunos do 3º e 7º anos em 971 escolas municipais. O cálculo também leva em conta taxas de evasão e de repetência. Os 40 alunos que obtiveram as melhores notas na Prova Rio vão receber bicicletas. Aqueles que não foram bem nas avaliações serão encaminhados para aulas de reforço na própria escola. Os diretores serão avaliados a cada seis meses. E, nos casos extremos, aqueles que não conseguirem atingir as metas poderão ser substituídos. Os servidores só receberam o bônus se tiver até cinco faltas justificadas e não tiver outros afastamentos previstos em lei. As diretoras assinaram, em 2010, um termo de compromisso que fixava as metas de cada unidade. (Portal da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro)

Essas medidas não são movidas apenas por um desejo e uma necessidade de uma educação de qualidade. Como coloca Gallo (2008, p.110) “é o totem do neoliberalismo que insiste em instaurar uma nova ordem mundial, sob seu absoluto e transparente controle”.

Enquanto o ensino ficar centralizada aos interesses do Ministério de Educação e Cultura, Secretaria Estadual de Educação ou Secretaria Municipal de Educação certamente continuará reproduzindo um modelo pronto e acabado para as escolas, dificultando assim, a democratização da sala de aula e da coordenação das ações pedagógicas planejadas e organizadas pelo professor. Segundo Gadotti (2006, p.14): “A formação de um educador competente não é suficiente. É preciso que a competência técnica esteja fundamentada num compromisso político”, pois a sociedade contemporânea é cada vez mais complexa, desigual e competitiva. É importante o professor

refletir e discutir as políticas públicas que interferem no cotidiano escolar e no contexto socio-econômico e cultural de seu entorno.

Num país marcado por tantas desigualdades sociais e realidades culturais tão diferentes, atender às necessidades de escolarização das camadas populares torna-se o grande desafio. Os professores militantes que trabalharam diretamente com esse grupo social e percebem que são estes as maiores vítimas do modelo educacional sujeito à lógica de mercado, buscam fazer da sala de aula um espaço de participação social ampliando portanto, o sentido atribuído a cidadania.

Como afirma Silvio Gallo é preciso resistir, cotidianamente, às ideologias que estão a serviço do poder.

A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. [...]. Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. [...] Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Se a educação maior é produzida na macropolítica, nos gabinetes, expressa nos documentos, a educação menor está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa, mas ações cotidianas de cada um. (GALLO, 2008, p. 65)

A escola comprometida com a democratização e a melhoria da qualidade do ensino deve ficar atenta para não compactuar com a ideologia dominante que “operam em um nível fundamental para ajudar alguns grupos e servir de barreiras para outros.” (APPLE, 2006, p.104).

No sistema de progressão continuada, por exemplo, recomendado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (lei 9.394, de 1996), no artigo 32, o aluno do ensino fundamental é aprovado automaticamente pelas séries, e só é avaliado ao longo e ao final de cada ciclo, onde se prevê a recuperação dos conteúdos por meio de aulas de reforço. Esta medida gerou grande polêmica entre professores e demais especialistas de educação já que se tem constatado que os resultados do sistema de progressão continuada não contribuem para a formação cidadã dos alunos, pois não vieram acompanhados de reformas estruturais para atender adequadamente às suas necessidades. No entanto, as

estatísticas apontam que essas medidas contribuem para eliminar a defasagem idade/série, combater a evasão e diminuir o índice de repetência. Essa é uma contradição que deve ser discutida pelo conjunto da sociedade, já que esse modelo de educação não reprova, mas também não consegue acompanhar os alunos com dificuldade, sobretudo as classes mais pobres.

Sendo assim, como cada escola será capaz de se tornar um espaço democrático, gerador de um ambiente rico em possibilidades? Segundo a Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96, um agente de mudanças sociais, mobilizador de toda a comunidade escolar é um projeto político-pedagógico que realmente atenda às necessidades de sua comunidade. É importante a escola criar infraestrutura para reconhecer autorias, sejam elas individuais ou coletivas. Esta ação motiva alunos e professores a participarem do cotidiano escolar de forma mais compartilhada e colaborativa.

Cria-se, então, um dilema: Como construir um projeto político pedagógico que atenda às reais necessidades do cotidiano escolar vivendo numa sociedade tão contraditória?

Segundo Silvio Gallo:

O professor militante é aquele que procura viver as situações e dentro dessas situações vividas produzir a possibilidade do novo. Nesse sentido, o professor seria aquele que procura viver a miséria do mundo, e procura viver a miséria de seus alunos, seja ela qual miséria for, porque necessariamente miséria não é apenas econômica; temos miséria social, temos miséria cultural, temos miséria ética, miséria de valores [...]. O professor militante seria aquele que, vivendo com os alunos o nível de miséria, de dentro dessas possibilidades, buscar construir coletivamente [...]. Essa luta cotidiana de construção de possibilidades de libertação é uma luta que deve dar-se em diversos ângulos e em diversos níveis. (GALLO, 2008, p.61)

O professor precisa se questionar até que ponto as políticas educacionais contribuem para reproduzir as desigualdades sociais dentro do espaço escolar e resistir através de sua ação pedagógica pra evitar a consolidação de projetos prontos que nada atendem à realidade das classes populares, servindo apenas como mecanismo de controle social.

Um professor militante comunga com o entusiasmo pela escola pública, universal, gratuita, inclusiva e democrática. Este profissional deixa claro para o

aluno os objetivos propostos e os ganhos que irá alcançar ao longo do processo educativo quando é capaz de trabalhar em grupo. O foco da educação deve estar na interação professor/aluno para que todos possam se sentir motivados a participar e contribuir para a construção de uma aprendizagem marcada pelo diálogo, respeito, solidariedade e pela valorização da democracia, terreno estratégico de enraizamento do espaço público.

Segundo Hoffmann:

Avaliar nesse novo paradigma é dinamizar oportunidades de ação - reflexão, num acompanhamento permanente do professor e este deve propiciar ao aluno em seu processo de aprendizagem, reflexões acerca do mundo, formando seres críticos libertários e participativos na construção de verdades formuladas e reformuladas. (HOFFMANN, 1993, p.134).

Na escola democrática o ideal é proporcionar ao aluno um ambiente em que ele seja capaz de contextualizar seus saberes aplicando-o em todas as áreas de sua vida. Segundo Gutierrez (1978, p.69), “para o homem moderno é muito mais poder e saber “expressar-se” do que simplesmente informar-se.” Centrar seus conhecimentos nos valores humanos para desenvolver uma visão holística do mundo em que vive e investir gradativamente na sua formação pessoal e social para que possa exercer plenamente sua cidadania.

Neste novo contexto a disciplina tem outra conotação que diferencia da sociedade disciplinar, como escreve Paulo Freire:

A disciplina implica em uma relação entre o professor e o aluno, em que a autoridade esta situada na liberdade sadia de ambos. Contudo a disciplina é uma tensão permanente, pois a autoridade e a liberdade que existem em seu interior são o que determinam o equilíbrio que a mesma possui, portanto, segundo o autor, a disciplina é uma "relação radicalmente democrática na qual, porém, jamais o educador será igual ao educando, uma vez que eles possuem diferenças. (FREIRE, 1985, p.19.)

A modernização dos recursos pedagógicos no processo ensino aprendizagem tem exigido novas posturas nas relações professor/aluno que diante de tecnologias tão avançadas precisam estar comprometidos com uma educação voltada não só para os recursos técnicos, mas também para os

valores universais de humanização contribuindo para a transformação de cada indivíduo envolvido no processo educativo de forma autônoma e participativa.

Como afirma Gadotti (2008, p.172), “a educação só pode ser transformadora nessa luta surda, no cotidiano, na lenta tarefa de transformação da ideologia, na guerrilha ideológica travada na escola”.

CAPÍTULO II - SOCIEDADE, CULTURA ESCOLAR E COMUNICAÇÃO

Na sociedade de Controle a comunicação tem se tornado cada vez mais importante para o desenvolvimento das relações humanas, sendo redimensionada em escala planetária através das mídias que contribuem para homogeneidade da sociedade servindo de referência estratégica e ideológica para as classes dominantes. As técnicas de controle do século XXI são tão sofisticadas que conseguem passar despercebidas pela maioria da população devido à forma como são conduzidas pelas TICs. Atualmente, o poder é cada vez mais regulamentado pela informação, conhecimento, comunicação e o marketing. Segundo Deleuze (1992), “O marketing é agora o instrumento de controle social.”

No espaço escolar a interação também se faz presente a todo instante, porém, a convivência com situações diárias exigem dos sujeitos a exposições de idéias de forma clara, consistente e autônoma para que a aprendizagem possa realmente contribuir para uma educação libertadora. Segundo Gutierrez: (1978, p.27), “a educação deverá proporcionar as possibilidades para que o homem atue, modifique e transforme a própria realidade.”

A todo instante, o discurso oficial afirma que as novas TICs precisam ser incorporadas na escola devido ao seu poder enriquecedor de conhecimentos e pela possibilidade de garantir maior acesso da população mais carente a esses recursos tecnológicos através da escola.

Segundo dados do IBGE de 2009, 67,9 milhões de pessoas, ou seja, somente 35,5% dos 191 milhões de brasileiros acessam a Internet, sendo que a região sudeste concentra 48,1% da taxa de uso e a região nordeste apresenta o menor taxa percentual com 30,2%. A exclusão digital atinge, principalmente, a população de baixa renda agravando ainda mais o quadro de exclusão e desigualdade social.

Dados da Anatel comprovam que mais de 57 mil instituições de ensino contam com conexão gratuita à internet. Os dados mostram que:

O Programa Banda Larga nas Escolas (PBLE) já leva conexão gratuita à internet a 91,6% das escolas públicas urbanas do Brasil. O

último balanço divulgado pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) mostra que, até 31 de dezembro de 2010, 57.586 instituições de ensino contavam com a conexão em banda larga. A meta é que o projeto cubra todas as 62.864 escolas até o fim deste ano. O programa é uma parceria do Ministério das Comunicações, Ministério da Educação (MEC), Anatel e operadoras de telefonia.

O levantamento revela que São Paulo é o estado com o maior número de escolas beneficiadas: 7.099 unidades. Em seguida vêm Minas Gerais (6.839), Bahia (5.645), Rio de Janeiro (4.847) e Paraná (3.836). Durante todo o ano passado, o programa garantiu internet gratuita a 14.588 instituições federais, estaduais e municipais situadas em zona urbana. (Ministério da Comunicação)

Para que a inclusão digital aconteça efetivamente nas escolas é preciso que os investimentos em políticas públicas para a erradicação da pobreza e da desigualdade no país sejam planejados com seriedade e responsabilidade para que a execução e a fiscalização das leis e dos programas vigentes promovam o desenvolvimento social esperados pela sociedade brasileira que é garantir a melhoria da qualidade de vida da população e minimizar os problemas sociais o que têm se tornando um grande entrave para a inclusão dos alunos mais carentes no processo pedagógico.

Segundo Moacir Gadotti:

A sociedade hoje deseja outra educação que não aquela imposta pelo regime. Por isso hoje é possível lutar pelo ingresso e pela permanência na escola daqueles que estão sempre à beira da exclusão. Os educadores tentam, mesmo sem o amparo do Estado, adaptar a escola às condições reais do nosso aluno; trabalham com uma arma que pode ser controlada, mas cujo controle tem limites, na relativa autonomia escolar, que é a palavra, que a formação da consciência, que é a leitura da realidade. (GADOTTI, 2006, p. 156)

Nesse cenário, destaca-se a revolução cultural. A cultura passa a ter centralidade tanto nas mudanças que se verificam na economia, na política, no mundo do trabalho, nas relações sociais, no cotidiano e na formação de identidades sociais e pessoais, como nas recentes análises da vida social contemporânea (HALL, 1997). Quando se concebe a educação como processo de transmissão e recriação de saberes, habilidades, normas e valores às crianças e aos jovens de modo a conformar suas crenças, evidenciam-se suas estreitas relações com a cultura. Deste modo, na relação com as construções simbólicas que circulam na cultura interpelando os indivíduos, acontecem os

processos constitutivos dos sujeitos, instituindo o que e como ver a si e ao mundo. Evidencia-se a associação da cultura às relações de poder e a uma habilidade que uns grupos têm de impor sua autoridade, regular comportamento e controlar o espaço social de acordo com os seus interesses.

Urge ressaltar que, ao definir sua prática curricular, o professor deve estar ciente de que suas escolhas didático-pedagógicas não são neutras, mas traduzem o resultado de suas vivências culturais, de suas opções políticas e dos valores que considera dignos de serem transmitidos e aprendidos.

Segundo Apple:

O conhecimento que chegava às escolas no passado e que chega hoje não é aleatório. É selecionado e organizado ao redor de um conjunto de princípios e valores que vêm de algum lugar, que representam determinadas visões de normalidade e desvio, de bem e de mal, e da 'forma como as boas pessoas devem agir'. Assim, para entendermos por que o conhecimento pertencente a apenas determinados grupos tem sido representado em primeiro plano nas escolas, precisamos conhecer os interesses sociais que frequentemente guiaram a seleção do currículo e sua organização. (APPLE, 2006, p.103)

Não causa surpresa, portanto, o empenho de inúmeros países em reformar os sistemas educacionais, efetuando mudanças no currículo, na avaliação e na formação docente, de modo a melhor controlar alunos e professores. E assim, implantar políticas educacionais que atendam as exigências do mercado internacional que objetiva aumentar seus lucros e poder em detrimento dos interesses sociais.

Mas, embora a escola reflita a cultura dominante, também é capaz de construir sua própria cultura criando objetivos através da elaboração de um projeto político pedagógico e de um planejamento curricular que atenda às necessidades reais do aluno e assim elaborar coletivamente estratégias que caracterizem a aquisição de conhecimentos básicos à formação cidadã.

O desafio de democratizar a escola exige um compromisso permanente com uma educação de qualidade, onde o discurso em prol da igualdade se torne um veículo de comunicação em que todos os envolvidos se sintam agentes transformadores de si mesmos e da sociedade da qual fazem parte.

Segundo Libâneo as tarefas da escola pública democrática são:

1) Proporcionar a todas as crianças e jovens e escolarização básica e gratuita [...] A democratização do ensino se sustenta nos princípios da igualdade e da diversidade...

2) Assegurar a transmissão e assimilação dos conhecimentos e habilidades que constituem as matérias de ensino. [...] A democratização do ensino supõe um sólido domínio das matérias escolares, com especial destaque a leitura e à escrita, como pré-condição para a formação do cidadão ativo e participativo...

3) Assegurar o desenvolvimento das capacidades e habilidades intelectuais, sobre a base de conhecimentos científicos, que formem o pensamento crítico e independente...

4) Assegurar uma organização interna da escola em que os processos de gestão e administração da escola implicam uma ação coordenada pedagógica e professores, cada um cumprindo suas responsabilidades no conjunto da ação escolar. (LIBÂNEO, 2008, p.44,45)

Nesse enfoque, o papel do educador é decisivo, pois cabe a ele conduzir o processo educativo dialogando sobre situações concretas, oferecendo aos alunos instrumentos que facilitem sua aprendizagem para que possam interagir de forma crítica e participativa, muito diferente do profissional que emerge das políticas de controle que se caracteriza pela técnica e pelo domínio do currículo e de metodologias ultrapassadas.

2.1. A INFLUÊNCIA DAS TICs NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Os avanços científicos e tecnológicos das últimas décadas têm revolucionado e transformado o comportamento de grande parte da sociedade capitalista contemporânea, provocando o fenômeno de intensa globalização.

Graças ao aperfeiçoamento principalmente dos meios de transportes e das telecomunicações, as pessoas têm a impressão de viver numa imensa aldeia global. Este fenômeno é provocado pelo encurtamento das distâncias provocado pela rápida popularização das tecnologias da informação (computadores, Internet, telefones e televisão) juntamente com agilidade dos meios de transporte facilitando a circulação de pessoas e mercadorias, além das transações financeiras entre os países através de blocos econômicos.

Segundo Milton Santos:

A política agora é feita no mercado. Só que esse mercado global não existe como ator, mas como uma ideologia, um símbolo. Os atores são as empresas globais, que não têm preocupações éticas, nem finalísticas. Dir-se-á que, no mundo da competitividade, ou se é cada vez mais individualista, ou se desaparece. [...] Todavia, mediante o discurso oficial, tais empresas são apresentadas como salvadoras dos lugares e são apontadas como credoras de reconhecimento pelos seus aportes de emprego e modernidade. (SANTOS, 2001, p. 67,68)

A fase do capitalismo do século XXI acentua, em todo o mundo, as desigualdades econômicas, o desemprego, o individualismo, a competitividade, os esforços pela homogeneização cultural, o desprezo pelos que diferem dos padrões dominantes.

No que se refere à globalização, Mário Sérgio Cortella exemplifica de forma simples:

Por que o mundo está se unindo em blocos econômicos? Porque quem não fizer isso cai, perece. [...] hoje a globalização da economia é o privilegiamento de alguns grupos econômicos e a exclusão de uma grande massa de pessoas. Tem vantagens? Tem. Quais? Tecnologia mais avançada, produtos a nossa disposição; uma sedução perigosa, a do consumo, do produto importado, do produto rápido. [...] a chegada de medicamentos, as pesquisas, e permitir um intercâmbio cultural maior. Mas ela tem uma grande desvantagem da qual muita gente ainda não se deu conta: não colocou em discussão a qualidade de vida do conjunto da humanidade. Colocou em pauta a qualidade de vida só de uma pequena parcela da humanidade; e isso não é qualidade de vida [...] (CORTELLA, Palestra proferida no SESC, SP, 1998)

Na sociedade da informação, parece quase impossível pensar a sala de aula sem as tecnologias avançadas, porém mais importante que os recursos tecnológicos são a intencionalidade de como elas serão utilizadas, já que seu impacto tem provocado grandes desigualdades sociais e mudanças comportamentais que podem variar de acordo com o grau de sua necessidade de contato, seus interesses, curiosidade pessoal e de seu poder aquisitivo.

Assim como descreve Francisco Gutierrez:

O homem do século XX é diferente dos homens de outras épocas mesmo quando, essencialmente continua sendo o mesmo. Este novo “habitat” proporciona ao homem uma rede extraordinariamente densa de estímulos, condicionamentos e provocações sensoriais. O homem muda porque tudo muda ao seu

redor. A civilização moderna, com seus meios técnicos de transportes, seus meios de comunicação, enfim, com seus meios mecânicos e até eletrônicos de interrelação, está oferecendo ao homem novas formas de perceber, de intuir, sentir e pensar. (GUTIERREZ, 1978, p.24)

No entanto, para se manter participativo e atuante na sociedade da informação é preciso estar incluído no processo de globalização, o que não acontece com uma grande parcela da humanidade. A questão é que a tecnologia contribui para agilizar e qualificar as atividades diárias daqueles que dela usufruem. A velocidade com que os conhecimentos e as informações se propagam na sociedade contemporânea redimensionou a noção de espaço-tempo.

Como bem coloca Mário Sérgio Cortella, a noção de tempo vem se alterando, fazendo com que se percam a referência dos acontecimentos.

A novidade não é a mudança do mundo. A novidade é a velocidade da mudança. Nunca o mundo mudou tão velozmente quanto muda hoje. [...]. Hoje, a sucessão dos acontecimentos é tão veloz que freqüentemente não lembramos mais deles [...]. Por exemplo, antigamente, ou seja, há 20 anos, olhávamos o relógio para ver que horas eram. Hoje, olhamos o relógio para ver quanto falta. Temos outra idéia de tempo. Atualmente estamos sempre correndo". (CORTELLA, Palestra proferida no SESC, SP, 1998)

Essa aceleração do tempo tem provocado nas pessoas constante estado de tensão como ansiedade e impaciência, pois querem fazer tudo na velocidade de um computador, resolver tudo num piscar de olhos. Isto acontece porque perderam a noção de que as coisas para serem construídas precisam passar por um processo, que exige um início, meio e fim até serem concretizadas. A questão é que hoje, principalmente a população mais jovem que nasceu neste ritmo tende a ser tornar mais imediatistas, pois não conhecem ou não participam desse processo, pois já encontram tudo pronto. É comum nas reuniões pedagógicas encontrar professores reclamando dos alunos que após terminarem uma prova, por exemplo, quererem resultados rápidos. Isso vem se tornando cada vez mais freqüente, já que convivem com tecnologias que facilitam e agilizam cada vez mais suas atividades. Hoje, quem usufruiu desses recursos não conseguem mais imaginar suas vidas sem

Internet, computador, celular, televisão, microondas, caixa eletrônico entre outras invenções tecnológicas.

Antigamente, era comum ver crianças brincando na rua, soltando pipa, jogando bola entre outras práticas culturais transmitidas pelos familiares que estimulavam a convivência em grupo. Atualmente, as crianças influenciadas pelas novas tecnologias, adquiriram uma vida muito mais sedentária e solitária, o que afeta o seu relacionamento interpessoal, gerando pouca habilidade de socialização de forma direta:

O erro está na tecnologia que nos faz correr? Não. O erro está na concepção, no modo como entendemos a qualidade da nossa existência. [...] São gerações que estão vivendo desse modo, sem que a gente dê uma parada e fale: basta. Tecnologia é ferramenta, não é finalidade. Aparelho eletrônico é para melhorar a vida coletiva, e não para isolar as pessoas cada vez mais. [...] As pessoas dizem: a televisão e o rádio são modos de fazer companhia. Isso é necessário em uma sociedade que tem milhões de pessoas? Para se sentir acompanhado, precisa-se de uma coisa eletrônica, que é ótima, mas que não precisaria ter essa função? (CORTELLA, Palestra proferida no SESC, SP, 1998)

Reforçando o que diz Mário Sérgio Cortella, se antes o diálogo só podia ser feito corpo a corpo, agora com o advento principalmente da Internet e do telefone as pessoas continuaram a se comunicar em tempo real, porém com a opção de nem sempre estarem no mesmo lugar. É possível permanecer em casa e resolver várias situações como fazer compras pela Internet, resolver um problema com o cartão de crédito, ligar para marcar uma consulta médica, etc. Toda essa dinâmica é acompanhada pelos nossos alunos, que acostumados a uma linguagem hipertextual e com uma noção de tempo-espço diferente da escola, acabam por ter dificuldades em se adaptar a realidade linear e com pouca interatividade dessas instituições. Em entrevista à revista “ComCiência”, a antropóloga argentina Maria Paula Sibília coloca que:

Assim, neste novo contexto, os tipos de corpos e subjetividades que serviam aos interesses do capitalismo industrial do século XIX e da primeira metade do século XX, por exemplo, hoje estariam se tornando ‘obsoletos’ porque não são mais ‘úteis’ aos interesses do capitalismo contemporâneo. Se aquele regime histórico demandava grandes contingentes de sujeitos ‘disciplinados’, corpos ‘dóceis e úteis’, especialmente treinados para saciar as engrenagens da sociedade industrial e subjetividades compatíveis com toda aquela

maquinaria [...] a nova torção do capitalismo ancorado no consumo parece solicitar outras subjetividades e outros tipos de corpos: sujeitos ávidos, ansiosos, criativos, flexíveis. Entretanto, essas novas configurações corporais seriam igualmente 'dóceis e úteis', embora respondendo a outros interesses históricos. (SIBÍLIA, Obsolescência do humano serve à economia e à tecnociência, 2005)

Para as novas gerações, permanecer num ambiente com pouca interatividade e com regras pré-estabelecidas tem se tornado cada vez mais desestimulante e conflitante, pois na visão da maioria dos alunos essa ideologia está ultrapassada:

Uma das tentativas de superação dessa fragmentação tem sido a proposta de se pensar na educação interdisciplinar. Isto é, uma forma de se organizar os currículos escolares de modo a possibilitar uma integração entre as disciplinas, permitindo a construção daquela compreensão mais abrangente do saber historicamente produzido pela humanidade. (GALLO, 2008 p. 71)

A questão é que a escola ainda não conseguiu acompanhar todo esse dinamismo tecnológico que os sistemas abertos incorporaram. Diante desta realidade, ainda predomina nos sistemas de ensino a utilização de metodologias apoiadas na memorização e na transmissão de conhecimento de forma mecânica e fragmentada.

2.2. IMPLICAÇÕES DAS TICs NA EDUCAÇÃO

A maneira linear de pensar, fundamentada na invenção da imprensa, favoreceu a tecnologia do texto impresso que predominou durante séculos nas escolas até a aparição das novas técnicas digitais. Hoje, sabe-se que o conhecimento desassociado da realidade do aluno acaba por provocar dificuldades de aprendizagem fazendo com que este lance mão da memorização quando não compreende o significado das informações. Desta forma, o aluno apenas atende às exigências escolares com a preocupação de tirar boas notas e passar de ano, pois a linearidade e a fragmentação do conhecimento como coloca Edgar Morin, (2003, p.14): “Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo.”

Na sociedade da informação e do conhecimento para que o indivíduo exerça plenamente sua cidadania não basta aprender a ler e escrever. É preciso ter capacidade de compreensão das subjetividades e saber fazer uso da leitura e da escrita criticamente. Essa é quase que uma exigência da cultura digital. Essas transformações tecnológicas contribuem para que a sociedade se torne cada vez mais complexa e também mais perversa já que essas mídias propiciam a divulgação de informações dúbias, exigindo assim, uma maior conscientização política por parte da população. Porém, para abrir caminhos que possibilitem maior participação política das camadas populares é preciso, como afirma Gallo, (2008, p.64) repensar “a educação como um ato de revolta e resistência.” Neste contexto, Veiga afirma que:

A principal possibilidade de construção do projeto político-pedagógico passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua própria identidade. Isto significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva. Portanto, é preciso entender que o projeto político-pedagógico da escola dará indicações necessárias à organização do trabalho pedagógico, que inclui o trabalho do professor na dinâmica interna da sala de aula. (VEIGA, 2002. p.14)

Na escola contemporânea, não basta o aluno frequentar as aulas. É preciso participar do processo de ensino-aprendizagem de forma democrática para que se sinta comprometido com o desenvolvimento das atividades pedagógicas e assim construir valores que realmente tragam mudança de comportamento e ampliem sua visão de mundo. É necessário formar seres humanos cada vez mais investigativos, reflexivos, questionadores, criativos, autônomos e participativos para que não se tornem vulneráveis às exigências de uma sociedade com valores consumistas que coloca o ter acima do ser. Desta forma, tornam-se sujeitos capazes de problematizar o mundo e de resistir à ideologia dominante do capitalismo.

2.3.O USO PEDAGÓGICO DAS TICS

À medida que se concebe a escola como uma instituição capaz de fazer com que os alunos compreendam o jeito de ser da sociedade e o porquê de

cada indivíduo estar no mundo, à vida passa a ser referência para o processo pedagógico. E por que não utilizar as novas TICs para expressar a leitura da realidade social, seu estágio de desenvolvimento, suas contradições e suas necessidades?

Como afirma Foucault.

Enquanto, por um lado, os estabelecimentos de disciplina se multiplicam, seus mecanismos têm uma certa tendência a se desinstitucionalizar, a sair das fortalezas fechadas onde funcionavam e a circular em estado livre; as disciplinas maciças e compactas se decompõem em processos flexíveis de controle, que se pode transferir e adaptar. (FOUCAULT, 2010, p. 199).

Vive-se uma contradição em relação às tecnologias, pois estas podem servir tanto como um instrumento de controle social como transformador do potencial humano. O uso técnico nas práticas docentes exige uma postura de entendimento e interpretação dessa tecnologia que precisa vir acompanhado de um currículo fundamentado num projeto político pedagógico condizente com a realidade da comunidade escolar, pois através desses aspectos educativos fica mais fácil definir a educação que se pretende alcançar.

Segundo Libâneo:

[...] A informação é necessária, mas ela vem exercendo um domínio cada vez mais forte sobre as pessoas, cada vez mais escravizada por ela. Informação não é sinônimo do conhecimento, por si só ela não propicia o saber. A informação é um caminho de acesso ao conhecimento [...] mas ela precisa ser analisada e interpretada pelo conhecimento, que possibilita a filtragem e a crítica da informação de modo que ela não exerça o domínio sobre a consciência e a ação das pessoas. (LIBÂNEO, 2001, p. 37).

Existem diversas possibilidades de trabalhar com as novas TICs no ambiente escolar de forma a atender às perspectivas do desenvolvimento humano e social desta comunidade. O professor precisa aprender a trabalhar criticamente as mídias para “que o movimento de luta e resistência seja indispensável para ampliar as possibilidades e apressar as mudanças que se fazem necessárias dentro e fora dos muros da escola” (VEIGA, 2002, p.33).

Diante dessa realidade, os professores têm um grande desafio pela frente que é criar estratégias para que possam usufruir dos recursos

tecnológicos na escola de forma racional compreendendo seus limites e suas possibilidades.

2.4. INFORMÁTICA NA ESCOLA

Nas últimas décadas o avanço tecnológico, principalmente dos computadores e o Programa Banda Larga nas Escolas (PBLE), tem contribuído para o acesso a Internet na maioria das escolas públicas urbanas do Brasil. As escolas são equipadas com um laboratório de informática composto de dez computadores, estabilizadoras de tensão, uma impressora a laser, um roteador, softwares educativos e programas básicos com editor de texto, programas de edição de imagem e apresentações, planilhas de cálculos, etc.

Apesar das políticas públicas em inclusão digital, a internet não pode ser considerada um meio de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, por exemplo, pois a população de baixo poder aquisitivo ainda está longe de usufruir dessa nova tecnologia de informação e comunicação. Isso tem levado os educadores a discutir o uso dos recursos da informática na educação.

Em seu Artigo publicado na Revista Ciência da Informação: Como utilizar a Internet na educação, Moran (1997) afirma: “a Internet é uma ferramenta fantástica para buscar caminhos novos, para abrir a escola para o mundo, para trazer inúmeras formas de contato com as pessoas.” O uso da Internet possibilita a assimilação de conceitos muito mais significativos e diversificados do que um livro didático, por exemplo, pois sua interatividade estimula a pesquisa de imagens, fotos, vídeos, textos, sites e simuladores tornado assim, o aprendizado muito mais compreensível e concreto, estimulando também a curiosidade para buscar novos conhecimentos. Porém, não adianta informatizar o ensino se o corpo docente não estiver bem qualificado e mobilizado para se tornar um orientador, mediador e facilitador do processo de ensino-aprendizagem contribuindo assim para a promoção da cultura digital crítica no interior da escola.

Segundo Moran em seu artigo “Como utilizar a Internet na educação”:

Na Internet, também desenvolvemos formas novas de comunicação, principalmente escrita. Escrevemos de forma mais aberta, hipertextual, conectada, multilingüística, aproximando texto e imagem. Agora começamos a incorporar sons e imagens em movimento. A possibilidade de divulgar páginas pessoais e grupais na Internet gera uma grande motivação, visibilidade, responsabilidade para professores e alunos. Todos se esforçam por escrever bem, por comunicar melhor as suas idéias, para serem bem aceitos, para 'não fazer feio'. Alguns dos endereços mais interessantes ou visitados da Internet no Brasil são feitos por adolescentes ou jovens. (Artigo publicado na Revista Ciência da Informação, Vol 26, n.2, maio-agosto 1997, p. 146, 153)

O diálogo do professor com seu aluno pode ampliar sua visão pedagógica, contribuindo para a construção de projetos que tenham real significância a todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem e assim, se tornarem sujeitos ativos do mundo digital. A tecnologia deve contribuir efetivamente na melhoria na qualidade da educação dos alunos propiciando a ele desenvolver a postura de investigador, pesquisador e transformador do conhecimento promovendo o desenvolvimento de suas habilidades desde as primeiras séries. Assim, serão preparados criticamente para viver numa sociedade informatizada e serem inseridos no mercado de trabalho, sem perder de vista que esta habilidade é mais uma ferramenta da sociedade capitalista em gerar mais lucro para os donos do capital.

A Internet promove um mundo de possibilidades tanto no âmbito presencial quanto à distância. Essa ferramenta extremamente poderosa, desafia professores e alunos a trabalharem em parceria, de maneira colaborativa, buscando resultados que promovam a construção de conhecimento que proporciona a pesquisa, publicação, divulgação e a prestação de serviços. Segundo Pierre Lévy (1993, p.40), “a multimídia interativa, graças à sua dimensão reticular ou não linear, favorece uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, face ao material a ser assimilado.”

O aluno deve ser estimulado a levantar hipóteses, analisar, comparar e sintetizar as informações. É preciso saber a diferença entre copiar e pesquisar. Para isso, deve ser orientado pelo professor a investigar minuciosamente cada informação de forma a identificar e selecionar fontes confiáveis que assegurem a credibilidade na hora de navegar e interagir na Internet para que possa fazê-la com segurança dentro e fora da escola. Essa conscientização crítica deve

ser feita gradativamente para que o aluno aprenda a ser criterioso em suas escolhas e possa desenvolver conhecimentos necessários e significativos para o seu crescimento pleno, aplicando o que aprendeu, assumindo uma postura ética diante de uma tecnologia onde a interatividade lhe oferece uma infinidade de recursos.

Essa complexidade de informações exige do professor uma visão inovadora para buscar opções metodológicas que melhor atenda às propostas educacionais na informática, sem perder de vista as limitações impostas pela tecnologia e suas possibilidades de exercer o controle ideológico dessas mesmas ações inovadoras.

Promover a curiosidade do aluno pela busca de conhecimentos pedagógicos quando a exposição de sites de entretenimento e relacionamento fascina muito mais do que uma pesquisa dirigida com fontes de consulta pré-programadas, não é tarefa fácil para o professor, por isso a importância na ênfase acerca da diferença entre a hora de aprender, divertir-se e refletir sobre o grande potencial da Internet devido à velocidade da comunicação em tempo real, podendo ser visualizada por qualquer pessoa do mundo inteiro no momento de sua conexão. O que existe de positivo e negativo nesta característica?

Essa comunicação em rede possibilitou a criação e a divulgação das redes sociais virtuais. Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line intitulado a “Sociedade do espetáculo: só é o que se vê”, Paula Sibília reflete sobre as mudanças de comportamento da sociedade contemporânea. Segundo a pesquisadora a popularidade de redes sociais virtuais se justifica pelo desejo das pessoas de estarem à vista dos outros:

[...] as redes sociais como Orkut, Facebook, Twitter ou MySpace como os blogs, fotologs, YouTube e outros canais desse tipo que hoje proliferam na internet são perfeitamente compatíveis com as habilidades que o mundo contemporâneo solicita de todos nós com crescente insistência. E uma dessas capacidades que tanto se estimula que desenvolvamos é, precisamente, a de ‘espetacularizar’ a nossa personalidade. O que significa isso? Tornarmos-nos visíveis, fazer do próprio ‘eu’ um show. (FACHIN, 2009)

Na contemporaneidade, o avanço das redes sociais virtuais marca uma nova era na Internet, pois essa nova forma de relacionar-se e comunicar-se têm revolucionado o comportamento humano se tornando um modismo, principalmente entre os jovens que são estimulados a estar presente em várias delas como forma de ganhar status e se tornar popular. A participação nas redes sociais como Orkut, Facebook, Twitter ou MySpace como os blogs, fotologs, YouTube, não exige nenhum conhecimento específico em programação. A facilidade na manutenção, publicação e atualização diária dessa ferramenta ajuda na propagação de ideias pela Internet que muitas vezes provoca um exagero de informação que nada contribuem para a construção de conhecimento. Por isso, é importante que o aluno compreenda que a participação nas redes sociais devem começar com a família, amigos, colegas, professores, etc., pois através das relações cotidianas é possível amadurecer e criar diálogos mais espontâneos, onde a troca de experiência possibilite a construção de relacionamentos de confiança, e a comunicação se torne “um ato de criação e recriação” (FREIRE, 2010, p.92), contribuindo gradativamente para a ampliação das redes sociais fora dos limites geográficos.

A Internet é a mídia mais descentralizada e ameaçadora da atualidade podendo servir para diversos fins. Segundo a pesquisa realizada pelo Datafolha em parceria com a agência de publicidade Box (2011): “a Internet se firma como ferramenta alternativa de mobilização social entre 71% dos jovens internautas que a usa como arma política aproveitando-se das redes sociais como o site www.youtube.com.br para fazer denúncias, protestos, campanhas, vídeos alternativos, etc.

Os alunos gostam de utilizar a Internet e isto requer muitos cuidados, pois diante de tantas conexões possíveis, podem ter dificuldades em escolher o que realmente é construtivo e significativo para a sua formação. É importante que aprendam a avaliar essas plataformas que dão suportes para a criação das redes sociais antes de participar. É preciso conhecer sua intencionalidade, pois esta mídia tem se tornando uma arma poderosíssima para a sociedade do controle já que a informática permite o acesso a todo tipo de informações,

armazenando e transferindo dados para o computador. Esses mecanismos virtuais contribuem para a localização de um usuário, ao entrar num site, podendo identificá-lo e rastrear seus dados pessoais, o que torna essa tecnologia uma ferramenta de vigilância e de controle social.

O mundo corporativo também aderiu às redes sociais. O investimento em marketing é a forma de uma empresa garantir uma imagem favorável e atrair o usuário a participar desse canal de comunicação e assim atender os interesses e as necessidades da sociedade neoliberal.

A Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, através das redes sociais como Facebook, Orkut, Twitter e blogs, criou o Portal RioEduca, que serve como divulgação das atividades pedagógicas realizados nas instituições escolares cariocas. As escolas têm a opção de enviá-las por email a um representante da CRE (Coordenadoria Regional de Educação) ou participar de um blog oficial onde fará a postagem dos trabalhos pedagógicos fazendo a coleta de informações e conteúdos programáticos. Esta forma de monitorar tudo o que acontece dentro de cada uma das escolas rede municipal pode ajudar a garantir a divulgação e a permanência da ideologia da SME. Os órgãos oficiais se apropriam desses recursos digitais como estratégia política, pois seu mecanismo pode exercer a função reguladora, fiscalizadora e sancionadora. “Vemos também se difundirem os procedimentos disciplinares, não a partir de instituições fechadas, mas de focos de controle dessiminados na sociedade.” (FOUCAULT, 2010, p.200).

O uso de blog no espaço escolar é incentivado pela SME do Rio de Janeiro, pois segundo o discurso oficial esta ferramenta pode auxiliar alunos, professores e comunidade escolar a compartilharem conhecimentos e experiências com um objetivo comum que é produzir um espaço dentro e fora da escola que proporcione um ambiente fértil em interações e experiências entre os grupos de aprendizagens. Através da criação de pequenas comunidades, os alunos têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos tão necessários para o enriquecimento dos conteúdos pedagógicos abordados em sala de aula.

Os textos criados pelos alunos e professores podem ser lidos e comentados em tempo real. Esta ligação autor-leitor pode contribuir para que o letramento também aconteça de forma digital, pois a cultura midiática oportuniza maiores possibilidades de expressão e comunicação. Os envolvidos no processo pedagógico se sentem mais motivados a desenvolver temas que estejam inseridos no currículo escolar. A construção desses blogs pode ser feita com textos curtos e informais, além de abrir um canal de comunicação com a comunidade escolar. Ou seja, o aluno terá mais recursos para contextualizar suas idéias e compreender o mundo à sua volta. Certamente, esse procedimento metodológico tem muito a contribuir no processo ensino-aprendizagem, pois diante do dinamismo e das transformações que vem ocorrendo na sociedade contemporânea o uso da Internet é uma possibilidade educacional ilimitada já que também pode acontecer em tempo real permitindo ao aluno ficar atualizado com tudo que acontece no mundo globalizado. Sem contar que os programas e os softwares educativos oferecem uma série de recursos que podem contribuir para o aprendizado do aluno.

A questão é que a informática educativa ainda não conseguiu alcançar o efeito revolucionário que tanto se deseja. O que fazer? Como fazer? Como envolver e mobilizar toda a comunidade escolar contando com apenas um laboratório de informática por escola? Que estratégia criar para promover e fortalecer a cultura digital com um número de computadores incompatível com o de alunos matriculados? Como dar continuidade aos projetos escolares em vez de realizá-lo ocasionalmente sem abandonar a estrutura tradicional (salas superlotadas e alunos enfileirados, provas, etc.) da sala de aula?

Apesar dos obstáculos, em muitas escolas o uso da Internet é algo visível, basta abrir o site da prefeitura do Rio de Janeiro (<http://www.rioeduca.net/blog.php>) e lá está uma lista de escolas postando suas atividades pedagógicas na plataforma do Rio Educa. Porém, observando com mais detalhes percebe-se que são projetos fragmentados e com adesão de um pequeno grupo de professores e alunos que pouco contribui para a valorização da criação de conhecimentos integrados aos recursos da informática ao conteúdo das aulas, ficando restrito à pesquisa e postagem de informação. De

qualquer forma, não se pode negar que o Ministério da Educação cria programas que visam ampliar a inclusão digital nas escolas brasileiras com apoio dos estados e municípios. Os investimentos em políticas públicas na implementação das tecnologias na escola é algo presente mesmo que os equipamentos não estejam condizentes com a realidade escolar. Os professores são pressionados a usá-las mesmo sem infra-estrutura adequada. Então, como apropriar-se da TICs a serviço da aprendizagem inserindo a informática educativa no Projeto Político Pedagógico? Estas perguntas servem apenas como reflexão. Provavelmente, esta resposta é desafiadora e peculiar a realidade vivenciada por cada escola.

2.5.POSSIBILIDADES E LIMITES

Com o auxílio das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, a escola pode se tornar mais agradável e estimulante, pois estas ferramentas quando trabalhadas de forma pedagógica, viabilizam a introdução de linguagens midiáticas ao currículo escolar, a fim de proporcionar metodologias e recursos pedagógicos em consonância com a realidade atual. Porém não se pode esquecer de que esta proposta depende da posição política e ideológica do professor, pois é ele que vai conduzir todo o processo educativo.

Segundo Paulo Freire:

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não bancária, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros.

Porque esta visão da educação parte da convicção de que não pode sequer apresentar o seu programa, mas tem que buscá-la dialogicamente com o povo. (FREIRE, 2005, p.139)

A criança chega à escola com uma série de experiências vivenciadas em outros espaços sociais. Esse acúmulo de experiências precisa ser valorizado pela escola, principalmente no que se refere às novas tecnologias que favorecem uma nova postura na construção do conhecimento.

Segundo Pierry Lévy:

[...] pela primeira vez na história da humanidade, a maior parte dos conhecimentos adquiridos por uma pessoa, no início de sua vida profissional, serão obsoletos ao final da sua carreira. Outra observação, estreitamente ligada à primeira, refere-se à nova natureza do trabalho. Cada vez mais trabalhar é aprender, transmitir e produzir conhecimentos. (LÉVY, 1999, p.34).

Com advento das novas TICs, ampliou-se a possibilidade de aquisição de informações fora do espaço escolar. Porém, como descreve Jose Manuel Moran (2009, p.52), “ainda é na escola o lugar ideal para interpretar, comparar, hierarquizar e contextualizar as informações. Só as tecnologias não serão suficientes”, pois é importante que a educação tenha real significância na vida do aluno para que ele possa produzir algo que faça sentido na construção de seus conhecimentos. Para isso, segundo Gutierrez (1978, p. 26) “é preciso romper radicalmente com os moldes educativos criados pela sociedade dos séculos XVII e XVIII”, que ainda adotam os métodos tradicionais que valorizam o aluno passivo e obediente onde “a metodologia do professor ainda é essencialmente expositiva exigindo-se assim silêncio absoluto” (VASCONCELLOS, 2004, p.96).

Diante desse quadro, a questão da educação passa por crises no sentido de tentar buscar redefinir sua função social na formação do indivíduo.

Celso Vasconcellos enfatiza ainda que:

Um dos grandes impasses que se coloca para a escola hoje é a definição de sua efetiva função social. Diante da crise de identidade, é fundamental que a comunidade educativa procure recuperar o sentido da escola, do estudo, elaborando e explicitando sua proposta educacional (Projeto Político-Pedagógico). O aluno (e antes dele, os educadores) deve ver um sentido na escola. O homem é um ser teológico, precisa de um objetivo para direcionar suas energias, seus esforços, para dar um significado ao trabalho que tem que fazer. (VASCONCELLOS, 2004, p.71).

É preciso buscar novos caminhos para garantir um aprendizado condizente com as exigências da sociedade globalizada, pois é freqüente depararmos com professores autoritários, com metodologias inadequadas e conteúdos sem sentido para as novas gerações. Como coloca Vasconcellos (1997, p.230) “o que fazer? Embora esta questão seja da maior importância e

deva ser respondida, entendemos que, antes, outras duas devem ser enfrentadas: o que está acontecendo? o que queremos?

Vale ressaltar que a autoridade do professor deve se preservar, porém deve ser fundamentada numa educação crítica e libertadora visando à questão ética, social e humanizadora, permitindo ao aluno a participação na construção de seus conhecimentos e dos valores necessários ao pleno desenvolvimento de sua cidadania, pois como afirma Vasconcellos:

A obtenção de disciplina por coação está baseada no uso da punição como ameaça ou como prática efetiva. Esta forma de disciplina leva, portanto, à heteronomia (ser governado por outrem) ao invés de propiciar a autonomia (ser governado por si próprio). (VASCONCELLOS, 2004, p.58)

É importante o professor investigar quais são as questões de disciplina escolar que interfere em sua sala de aula e de forma conjunta trabalhar, recriando uma nova realidade, proporcionando um ambiente capaz de tornar as aulas mais produtivas e significativas. No entanto, o professor deve estar muito atento para não reproduzir a lógica do capital e se colocar como um mero instrumento a seu serviço. Para além dos recursos tecnológicos, a escola precisa ser afirmada cotidianamente como um espaço republicano e laico. Um lugar onde as novas TICs estimulem práticas a favor de inclusão e a promoção da visibilidade da diversidade presente na escola. É preciso dar voz a grupos que vêm sendo silenciados ao longo da história e construir práticas envolvidas com o aprendizado permanente e com o alargamento da democracia e a dissolução de modelos que impedem práticas educativas mais prazerosas de ensinar e aprender.

O aluno deve participar de forma efetiva durante todo o processo educativo para que possa despertar suas habilidades e sua auto-estima para dialogar, refletir e questionar na hora de tomar decisões com responsabilidade social e ética. É importante criar relações afetivas onde o respeito mútuo seja valorizado entre todos os segmentos da escola.

Acredita-se ser necessária a participação da comunidade escolar e todos os segmentos da sociedade na discussão política sobre um novo modelo de ensino que garanta a todos, o acesso a uma educação de qualidade para se

evitar a reprodução das desigualdades nos espaços escolares e garantir o que estabelece a Constituição Federal Brasileira em seu artigo 205, em que afirma:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 195).

A busca de uma concepção de educação voltada para a construção de uma sociedade mais justa e solidária tem crescido nas últimas décadas pela sociedade civil, através de reivindicações dos movimentos sindicais e sociais, pela exigência do mercado de trabalho cada vez mais competitivo e pela democratização da informação.

Sabe-se que a ideologia dominante valoriza os recursos tecnológicos por se constituírem instrumentos essenciais à organização do trabalho. Ou seja, suas potencialidades são essenciais para garantir qualidade da produção e maior lucro. Logo, a relação tecnologia – educação implica algumas relações antagônicas frente ao poder. Uma delas apóia-se no pensamento de que as classes populares precisam ter acesso às tecnologias através do ensino público para terem chances no mercado de trabalho. Assim, a burguesia passa a ter maior controle do trabalhador, em menos tempo e com maior lucro. Esta é uma grande armadilha e a escola deve estar sempre a se interrogar: a serviço de quem estamos? Esta é uma pergunta que deve incomodar a muitos educadores. Apple (2006, p.120) encerra uma de suas conclusões com uma interrogação que muito se adéqua à finalização deste capítulo: “Mas quem disse que a consciência de nossas posições políticas tenha de nos deixar à vontade?”.

CAPÍTULO III - CULTURA ESCOLAR E NOVAS TECNOLOGIAS

Historicamente, a sociedade tem exigido que a escola se comprometa com a formação dos futuros cidadãos, o que transformou a educação em uma prática social explícita e, portanto, uma interrogação aberta acerca dos procedimentos, vias, meios e condições de socialização do acesso ao patrimônio que a sociedade define como comum.

Segundo Vasconcellos (1997, p. 239), “é preciso resgatar e redirecionar estes micropoderes locais, tendo em vista um projeto novo, denunciando e lutando contra o poder que se exerce como abuso.” Assim, cada escola traz em si o compromisso em ser um espaço democrático, gerador de um ambiente rico em possibilidades, um agente de mudanças sociais, mobilizador de toda a comunidade escolar para a construção de um projeto político-pedagógico condizente com a sociedade do Conhecimento. Vasconcellos acrescenta: (1997, p.240) “É preciso falar de projeto, de compromisso, de mudança da realidade. E aí, mais uma vez, o professor que ainda não entregou os pontos tem uma importante contribuição a dar.”

No interesse de melhor compreender acerca da utilização das diferentes mídias e das TICs na educação, realizou-se uma pesquisa na Escola Municipal 09.18.20 Rosária Trotta, Unidade Escolar da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Partiu-se do princípio de que cada escola é uma unidade de vida e trabalho, inserida em uma realidade complexa, repleta de estratégias pessoais, contextos históricos e especificidades locais. Logo, observar este espaço com olhar de estranhamento exige pensá-la como uma organização sócio-cultural.

3.1. UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO

Localizada em Campo Grande, a escola possui mais de mil e duzentos alunos divididos em vinte e oito turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Observou-se que os alunos eram oriundos dos diferentes arredores, pois a escola é central e atende a comunidades diversificadas. Na escolha da escola

considerou-se a existência de vários projetos desenvolvidos por um grupo de professores comprometidos a introduzir as novas TICs em suas práticas a fim de buscar propostas para melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem. Valorizavam o diálogo, a espontaneidade e criatividade na construção do conhecimento, introduzindo linguagens midiáticas ao currículo escolar, a fim de proporcionar um aprendizado mais condizente com a realidade atual. Essas práticas pedagógicas visam proporcionar estratégias de inclusão, principalmente, para alunos e turmas com baixo rendimento escolar focando os interesses na interação e na pesquisa de forma interdisciplinar. Ainda que a sala de aula parecesse ser constituída pela surpresa, pela turbulência, pela desordem, as práticas escolares estavam estruturadas para conduzir à homogeneidade, linearidade, considerados essenciais para uma boa relação pedagógica. Haja vista a posição das carteiras enfileiradas e do cumprimento de todos os ritos impregnados na cultura escolar.

Os professores mais críticos, no entanto, buscavam não hierarquizar os alunos, evitam uniformizar resultados, valorizando a opinião o discurso daqueles que corajosamente propunham alguma ideia a ser desenvolvida, pois sabem que “de uma maneira global, pode-se dizer que as disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas.” (FOUCAULT, 2010, p. 206) Atentos à crítica de que a mídia caracteriza-se muitas vezes por homogeneizar a sociedade, de rejeitar a diferença e de ditar costumes, os professores perceberam que a escola é um espaço propício para as diferentes linguagens que norteiam a vida cultural do aluno e este conceito de circularidade entre as culturas destaca a existência de influências recíprocas entre culturas em interação no interior de um espaço social, marcados por hierarquias de dominação e submissão (GINZBURG, 1987).

Sendo assim, a execução desses projetos propiciou práticas pedagógicas desafiadoras que perceberam a mídia como agente regulatório que dita regras, moda, cria ídolos e regula comportamentos. Neste sentido, a escola apresentou-se como o lugar onde as mídias devem ser desnudadas e a capacidade crítica dos alunos estimulada frente a todas as informações que a emolduram.

3.2.IMPLEMENTAÇÃO DAS TICs NA ESCOLA

Com suporte na LDB, lei nº 9394/96 no Artigo 14, a gestão democrática pode consolidar a constituição de um Conselho Escolar que tem garantido a participação de toda a comunidade nas tomadas de decisões.

Sendo assim, os representantes do Conselho Escola Comunidade da Escola municipal Rosária Trotta têm desempenhado um papel importantíssimo para assegurar maiores investimentos em sua infra-estrutura de forma a garantir a manutenção, a melhoria do prédio e dos recursos tecnológicos já existentes (filmadora, máquina digital, retroprojeto, equipamento para rádio, data show, etc.) além da aquisição de novos recursos necessários para o desenvolvimento e a continuidade do projeto político pedagógico.

Nas conversas com os professores desta Unidade Escolar foi revelado que no final dos anos de 1990, com a implantação da sala de leitura e vídeo a escola passou a ter um profissional responsável pela divulgação e manutenção dos projetos apoiado pelo MEC. A partir daí, as novas TICs desempenharam um papel mais significativo, pois a instituição passou a ter uma sala ambiente com a instalação do Kit TV Escola, onde todo o material multimídia ficava disponível para que os professores pudessem ter acesso ao seu conteúdo.

Em 2006, a escola recebeu dez computadores do projeto Pro – Jovem do Governo Federal com a instalação do software Linux que foi substituído em 2008 pelo pacote Microsoft Office (disponibilizado pela SME-RJ). Desde sua implantação, o Laboratório de Informática vem sendo utilizada basicamente como fonte de pesquisa para trabalhos escolares e para o desenvolvimento de oficinas.

Os programas mais usados pelos professores da E.M. Rosária Trotta são o Power Point, que é um programa que permite a criação, edição e exibição de apresentações gráficas, em conjunto com demais recursos audiovisuais criando-se slides.

O Word programa no qual o aluno poderá desenvolver atividades no editor de textos, podendo interagir utilizando a sua criatividade para produzir textos dinâmicos utilizando-se de várias ferramentas.

O programa Windows Movie Maker que facilita a edição de vídeos através de efeitos de transição, textos personalizados e áudio nos seus filmes.

Embora estes softwares não tenham sido desenvolvidos com finalidades educativas, passaram a ser excelentes programas para atender às propostas pedagógicas da E.M. Rosária Trotta, facilitando e ampliando o enriquecimento de algumas atividades desenvolvidas durante o processo educativo.

Em 2009, a sala de vídeo foi extinta, pois pelo programa do governo federal em parceria com a Secretaria Municipal de Educação todas as salas de aula passaram a ter uma televisão e um aparelho de DVD que em 2011 serão instalados também um Data show e um notebook.

O investimento em políticas públicas para a implementação de recursos tecnológicos nas escolas implicará em alunos e professores mais bem informados ou a presença dessas mídias é mais um artifício na criação de novas técnicas de controle? Segundo Vasconcellos (1997, p.243), “é preciso compreender o conhecimento como instrumento de transformação. Resgatar o sentido do conhecimento. Conhecer para quê?”

É importante no processo ensino-aprendizagem o professor deixar claro para os alunos que a tecnologia deve sempre estar a serviço do bem estar e na melhoria da qualidade de vida de toda a humanidade, para assegurar a cada cidadão seus direitos mais fundamentais, pois como coloca Apple (2006) “as escolas não foram necessariamente construídas para ampliar ou preservar o capital cultural das classes ou comunidades que não fossem a dos segmentos mais poderosos da população.”

3.3.O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

O projeto político pedagógico da E.M. Rosária Trotta “Identidade: Questão de Compromisso” visa contribuir para a construção de relações de harmonia e integração entre a comunidade escolar, visando socializar conhecimentos científicos e produzir atividades de aprendizagem voltadas às novas TICs; despertando nos alunos comportamento menos individualista e

mais comprometido com ações solidárias possibilitando, acima de tudo, a promoção da cidadania e da inclusão social.

Ao longo do desenvolvimento do Projeto Pedagógico desta Unidade Escolar, os professores de geografia elaboram o subprojeto *“Passeando também se aprende”* que propicia um novo olhar sobre a cartografia, oportunizando o aluno a conhecer e comparar as diversas paisagens do ponto de vista histórico, social e cultural, estimulando a compreensão das diversas concepções dos lugares em que o espaço geográfico se organiza e se transforma cada vez mais pela influência das tecnologias.

Segundo Gutierrez:

A mudança estrutural do sujeito tem que se confrontar na prática. Sabemos que uma informação foi aprendida quando ela pode servir para resolver novas situações [...].

O decisivo para a vida futura do educando é desenvolver sua capacidade de inventar, de criar novos comportamentos, novas reações e novas respostas. (1978. p.38, 39,40)

Através de uma análise crítica os professores puderam refletir sobre a sua prática pedagógica e redirecionar sua aula para obter um novo significado na aprendizagem de seus alunos.

É importante o aluno saber pesquisar e selecionar as informações importantes para construção do seu conhecimento, para que seja capaz de aplicá-la em sua vida diária.

Durante as atividades desenvolvidas do projeto *“Passeando também se aprende”* foram criadas estratégias para que os alunos pudessem se reconhecer como sujeitos elaboradores de sua própria história, e a partir de experiências vivenciadas dentro e fora do espaço escolar buscar formar indivíduos ativos e críticos, conscientes de seu papel social e atuante eticamente e politicamente. Participaram do planejamento das atividades professores de diversas disciplinas, alunos, regente de sala de leitura, um estagiário de geografia e um funcionário de apoio. Todo esforço centrava-se em democratizar o acesso dos alunos e professores desta Unidade Escolar à tecnologia de informação, possibilitando também a incorporação das múltiplas linguagens. Os objetivos listados pelo grupo foram os seguintes:

- Desenvolver a consciência espacial dos alunos a partir do entorno da escola fortalecendo a identidade individual e coletiva através de aulas passeios.
- Partir do contexto e da realidade dos alunos para se chegar ao conhecimento científico, superando sua condição original.
- Conscientizar para a preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural da escola e do seu entorno.
- Mapear determinadas áreas para desenvolver a linguagem cartográfica
- Registrar através de múltiplas linguagens as impressões vivenciadas durante o passeio (fotos, filmagens, desenhos, entrevistas etc).
- Utilizar o auxílio das novas TICs (computador, informática, máquina fotográfica, filmadora, celular, GPS, etc.) para personalizar os trabalhos produzidos.



Figura 1 - Projeto Passeando também se aprende

Assumir uma postura mais criteriosa em relação ao planejamento curricular reflete na formação de um professor mais político e consciente de seu papel social, pois segundo Veiga:

O currículo passa ideologia, e a escola precisa identificar e desvelar os componentes ideológicos do conhecimento escolar que a classe dominante utiliza para a manutenção de privilégios. A determinação do conhecimento escolar, portanto, implica uma análise interpretativa e crítica, tanto da cultura dominante, quanto da cultura popular. O currículo expressa uma cultura. (Veiga, 2002, p.27)

A coordenadora pedagógica da E.M. Rosária Trotta relatou que no início do ano letivo os professores das áreas de História, Geografia e Ciências dos 6º e 9º anos, em parceria com a sala de leitura, decidiram trabalhar nos mesmos dias para facilitar o desenvolvimento de atividades interdisciplinares e ter mais tempo de dialogar entre si sobre o desenvolvimento de projetos e atividades propostas. Essas iniciativas foram acordadas entre os professores destas disciplinas na tentativa de criar um ambiente mais adequado para o desenvolvimento desses projetos desafiadores que exigem flexibilidade, tecnologias mais avançadas e um planejamento constante. O uso da tecnologia para oferecer avanços na educação tem que vir acompanhado de inovação metodologia nas práticas pedagógicas, por isso foram criados ambientes interativos e atraentes para driblar a estrutura física através da montagem de horários especiais, selecionando salas específicas para exibição de vídeos não só na televisão, mas também no data show e outra para a arrumação de carteiras em círculos para debates. Nesses dias há rodízios de turmas para evitar a desarrumação da estrutura montada nessas salas. Assim, os professores se sentem mais motivados e confiantes na hora de desenvolver tais atividades sem gerar grande desestruturação da rotina escolar. “Ora, se a aprendizagem é algo que se escapa, que foge ao controle, resistir é sempre possível. [...] a partir do deserto e da miséria da sala de aula, fazer emergir possibilidades que escapem a qualquer controle.” (GALLO, 2008, p. 67)

Dentro desse contexto foram surgindo naturalmente os professores gestores, que em parceria com o professor da Sala de Leitura, desempenhavam um papel integrador no desenvolvimento de atividades pedagógicas com o auxílio das TICs. Percebe-se um certo entusiasmo pela possibilidade de desafiar os limites alcançados e ir além deles em busca de novos saberes. Mais uma prática investigativa em construção, um novo convite a reflexão e à ampliação do conhecimento.



Figura 2 - Exibição e Debate de vídeos

3.4. EXPERIÊNCIAS DO CAMPO: O ENTORNO DA ESCOLA

A professora de Geografia planejou uma aula passeio no entorno da escola sobre o conteúdo que estava abordando: “As transformações ocorridas no espaço Geográfico ao longo do tempo”. A turma observada foi a 1607, composta por 29 alunos matriculados, na faixa etária entre 13 e 15 anos. Era a turma com maior índice de notas baixas e indisciplina da escola. A atividade foi realizada no período de 21 maio a 19 de junho de 2010.

Após os encontros para definição dos objetivos, ficou combinado que na semana seguinte seria o dia em que a turma conheceria o entorno da escola. É impossível não se lembrar da alegria dos alunos. O passeio consistia em, simplesmente, dar uma volta no entorno da escola anotando, filmando e fotografando o nome das ruas, os serviços oferecidos, o comércio vizinho, as outras escolas do entorno. Eles também deveriam registrar os problemas encontrados: bueiros sem tampa, buracos e lixo nas ruas e no rio que corta a avenida principal, população de rua na praça, etc. Parecia, no entanto, que viajavam para um lugar desconhecido tamanha euforia de todos. E foi neste clima que professores, estagiários e alunos munidos de máquina fotográfica e

filmadora nas mãos iniciaram a sua caminhada. O interessante é que pareciam estar vendo aquelas cenas pela primeira vez. Acenavam para os moradores e os mais ousados perguntavam o dia em que a COMLURB passava para recolher o lixo e sobre os problemas que vivenciavam no bairro. Ao se aproximarem da praça, correram para os balanços, gangorras, trepa-trepa, escorrega, alguns se sentaram nos bancos para simplesmente conversar. Nessa hora, a professora de geografia os fotografou, porque parecia que nunca tinham estado ali. Quando foram chamados para voltar para dentro da escola, resistiram. Queriam ficar ali. Estavam mais próximos dos professores e funcionários, conversando informalmente, mostrando suas casas, a casa de suas famílias, sendo saudados pela vizinhança. Pareciam orgulhosos com essa proximidade, sem a disciplinarização escolar. Diante daquele cenário de informalidade foi fácil lembrar Foucault (2010, p.164) quando afirma que “O sucesso do poder disciplinar se deve [...] ao olhar hierárquico, a sansão normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame.”

Assim, o trabalho foi realizado em dois momentos: o primeiro com a participação de todos vivenciando a experiência da caminhada no entorno e o segundo em que a turma foi dividida em dois grupos: enquanto um ficava na sala de leitura outro permanecia no laboratório de informática. Durante o desenvolvimento das atividades eram feitos rodízios entre os alunos para que todos tivessem a oportunidade de participar de todas as etapas das atividades que foram as seguintes: na sala de leitura discutiam e registravam suas impressões sobre o passeio e faziam trabalhos com mapas do local. No laboratório de informática descarregaram as fotos e vídeos de seus celulares e da filmadora da escola e acessavam a internet nos sites pré-determinados pelos professores (Google earth, Google maps e Portal Campo Grande). Ao longo do projeto, os alunos digitavam no editor de texto Word seus depoimentos. A partir do acervo de informações com fotos, entrevistas com moradores e textos por eles produzidos, criaram slides no programa Power Point. No decorrer da atividade, os professores fizeram uma pesquisa nas turmas de 9º ano a fim de formar alunos monitores que ajudariam na

elaboração de um documento em hipertexto temático, além da edição de um vídeo no programa Movie Maker. Como afirma Gutierrez (1978, p.39,40), “ou o aluno se compromete no processo aprendizagem ou não há aprendizagem possível. [...] é decisivo que ele desenvolva a capacidade de inventar, de criar novos comportamentos, novas reações e novas respostas.”



Figura 3 - Entorno da escola

A metodologia utilizada era bem simples: os monitores auxiliavam os que encontravam mais dificuldades na execução das tarefas e, naturalmente, compartilhavam o saber, respeitando o limite do colega. Assim, cada slide finalizado era fruto de um coletivo que partia da colaboração dos participantes, tornando aqueles jovens os verdadeiros protagonistas da atividade pedagógica. Durante a avaliação desta atividade, houve muita manifestação positiva. Um aluno da 1607 ao ser argüido sobre o que aprendeu no passeio, respondeu: “Aprendi que lugares são como pessoas. Tem que ter nome para identificar...”

A professora balançou a cabeça positivamente e, por fim complementou que lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. São referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro.

Finalmente, no mês de junho (mês de comemoração do dia do Meio Ambiente) houve a exibição do vídeo, slides em power point e fotos para toda a comunidade escolar.

Ao ser entrevistada para falar do estímulo que as TICs proporcionavam aos alunos, a professora de geografia respondeu que a simples presença desses recursos não mudou a dinâmica da escola. Foi necessária muita disposição, pois as turmas possuíam em média mais de trinta e cinco alunos e só havia dez computadores. A parceria da sala de leitura, do estagiário e dos alunos monitores foi fundamental para a finalização do projeto. Ressaltou também que mais importante que a finalização das mídias, foi o processo como um todo. Através da aula passeio aliada às tecnologias puderam perceber que o lugar é parte do mundo e desempenha um papel fundamental em sua história pessoal e coletiva contribuindo assim, para a construção de sua identidade onde aprenderam e compartilharam não só saberes escolares, mas também valores sociais e culturais. O produto final desse processo foi a formação de indivíduos mais autônomos que aprenderam por si mesmo, através da busca, da investigação, da descoberta e da invenção. As TICs não só contribuíram para que os alunos aprendessem um conteúdo programático de forma interativa e contextualizada, mas também despertasse a solidariedade, o respeito e a ética tão discutida na sociedade, na Web e na escola.

A execução do projeto “Passeando também se aprende” que originalmente surgiu no ano de 2000 para atender as turmas dos 6º anos, estendeu-se para as outras séries do ensino fundamental ao longo dos anos. Porém, a abordagem do 7º ao 9º ano se fundamentou em atividades desenvolvidas em oficinas das quais os alunos participariam espontaneamente após algum tema desenvolvido a partir de uma aula passeio, sem a rigidez de atender à grade curricular da escola, foi o caso, por exemplo, do passeio ao Forte do Leme, do Corcovado, da Travessa Manuel de Jesus (Beco dos Crioulos), e da caminhada ecológica ao Rio da Prata, etc. “Trata-se de opor resistência, trata-se de produzir diferenças. Desterritorializar. Sempre.” (GALLO, 2008, p.67)

3.5. OUTRA EXPERIÊNCIA DO CAMPO: “BECO DOS CRIoulos”.

Com a publicação da Lei nº 10.639 que tornou obrigatório o ensino da História da África e dos Afro-brasileiros na Educação Básica, os professores da área Geografia, História, Artes e Língua Portuguesa, em parceria com a Sala de Leitura, resolveram abordar e reformular novos conceitos sobre a questão racial no Brasil e na sala de aula, pois já percebiam alguns conflitos envolvendo o preconceito e a discriminação entre os alunos.

A professora de geografia ao perceber que grande parte dos conflitos surgia a partir de brincadeiras relacionadas ao local em que moravam, começou a investigar o porquê de tanta rivalidade. Foi quando descobriu que os alunos estigmatizados eram oriundos da Travessa Manuel de Jesus, conhecida popularmente como “Beco dos Crioulos”.

Diante desta realidade numa reunião pedagógica um grupo de professores resolveu selecionar e editar vídeos a partir de cenas das novelas *Sinhá Moça e Cara a Cara*, pelo fato deste conteúdo apresentar uma linguagem mais acessível à faixa etária de seus alunos. O uso das telenovelas no processo educativo pode tornar a aprendizagem mais rica e estimulante, pois quando bem planejada a televisão pode ajudar na melhoria de um diálogo mais democrático na sala de aula, ainda carregado de uma linguagem bastante intelectualizada e abstrata para os alunos das classes mais populares. O conteúdo da primeira abordava cenas do último capítulo em que os negros eram libertos, só com a roupa do corpo e com seu destino, provavelmente incerto. Já a segunda, apresentava um personagem negro consciente de sua condição social, lutando pelos seus direitos de cidadão. A partir destes dois vídeos, foram feitos vários debates a fim de que os alunos percebessem que a desigualdade racial brasileira é fruto da falta de investimento em políticas públicas de inclusão deste grupo social ao longo da história do Brasil.

É um grande desafio para o professor trabalhar com um público jovem que tem pouca opção de lazer e passa muitas horas em frente a este veículo de informação exposto a todo tipo de apelação e mesmo assim, contribuir para

que ele perceba o que realmente traduz a realidade televisiva despertando seu posicionamento crítico em relação ao que vê.

Segundo Gutierrez (1978, p.29) “os meios de comunicação, tal como são utilizados pela sociedade de consumo constituem, também, uma “escola” muito mais vertical alienadora e massificante do que a escola tradicional”. Mas, a educação é um processo de construção de consciência crítica, por isso não se pode dar as costas para a televisão apesar de sua ideologia dominante. Ao redimensionar uma cena televisiva de forma pedagógica é possível proporcionar questionamentos, reflexão, construção e reconstrução de valores.

Nos debates, os alunos passaram da passividade quando o tema era abordado apenas no livro e em textos para uma participação mais efetiva quando mudou a metodologia. Observou-se naquele momento que embora o discurso audiovisual seja mais acessível à linguagem do aluno (aparentemente objetiva, clara e direta), existe a necessidade da intervenção do professor para conduzir todo o processo de ensino aprendizagem.

O fato da TV/Vídeo ser visto pelo aluno como entretenimento e “passa tempo” facilitou o trabalho pedagógico, pois a receptividade em sala de aula foi muito satisfatória e auxiliou a prática docente que de forma planejada e sistemática pode ajudar o professor a atingir os objetivos propostos.

Após vários debates, a professora decidiu marcar uma reunião na sala de leitura com as turmas de 9º ano e colocou-se a intenção de se criar um vídeo sobre o local. Inicialmente, oito alunos moradores do local quiseram participar. Fechado o grupo, várias conversas aconteceram para traçar um perfil do lugar e o roteiro sobre o que iriam pesquisar. A escola seria o ponto de encontro para o trabalho de campo. Os alunos auxiliariam os professores no mapeamento do lugar, apresentando as pessoas mais antigas, conhecedoras da história do local. A possibilidade da escola não só reproduzir vídeos, mas produzi-los, permitiu aos alunos passarem de telespectadores a produtores.

A produção de vídeo tornou-se um importante instrumento contra a hegemonia em relação à imprensa de grande circulação já que, pela conquista da autoria dos alunos, entraram em cena os temas que interessam à comunidade escolar, colocando em pauta debates até então silenciados pela

mídia. Colocando os alunos frente a frente com opiniões diferentes a respeito dos fatos, o professor contribuiu para a construção de mentalidades que conviviam com a divergência e que passaram a valorizar o pluralismo e a democracia.



Figura 4 - Beco dos Crioulos

Ao compartilhar idéias, ações e reflexões, cada participante é ao mesmo tempo "ator" e "autor" do processo ensino-aprendizagem:

A criança, diferentemente do adulto, se expressa com a máxima liberdade e espontaneidade [...]. Esta expressão própria e independente é o fundamento do processo educativo, já que permite ao educando buscar suas próprias respostas aos problemas que a vida lhe coloca. (GUTIERREZ, 1978, p.69)

Como coloca Francisco Gutierrez a auto-expressão é inata ao indivíduo, porém é preciso criar ambientes ricos em estímulos sensoriais para ampliar a capacidade do aluno de se expressar integralmente através de múltiplas linguagens posicionando-se diante da informação e interagindo de forma crítica e ativa com o meio físico e social.

No dia marcado, às 9 horas da manhã, alunos e professores montados de filmadora, máquina fotográfica, celulares, papel e lápis na mão saíram em

campo. As entrevistas foram na residência dos moradores. Em cada entrevistado, um pouco da memória do local. Os alunos pareciam surpresos quando descobriram que um dos moradores, Irineu José Ferreira – patrono de uma Escola Estadual vizinha à Escola Municipal Rosária Trotta, era morador do Beco dos Crioulos e fundador do Movimento Negro em Campo Grande.

“Antigamente, o lugar sofria muito preconceito e discriminação. Atualmente, o lugar já está urbanizado e é bastante tranquilo, porém ainda sofre com o seu passado” (Moradora D. Anita).

A filmagem serviu de material para a edição de um vídeo produzido pelos professores e alunos utilizando o programa Movie Maker. As fotos também foram aproveitadas para a montagem de um vídeo clipe. A divulgação foi feita em todas as turmas de 9º ano e postado no site gratuito www.youtube.com.br, para ser socializado com toda a comunidade escolar para que pudessem visualizar, compartilhar, avaliar e comentar o vídeo. É importante ressaltar que todos os envolvidos nesta atividade tinham autorização dos responsáveis para o uso de imagem. O vídeo de autoria passou a ser visto como “arquivo de grupo”. Esta documentação histórica passou a fazer parte do acervo da escola e ficou à disposição para ser visto e consultado como material pedagógico.

3.6. ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

O ambiente foi de muita receptividade por parte do grupo de professores que revelavam uma predisposição para desenvolver projetos com diferentes mídias apesar de todas as limitações impostas por vários fatores como: número excessivo de alunos, conteúdos programáticos preestabelecidos, carga horária e calendários rígidos, etc. Diante disso, considerou-se que a escola constituía-se em um espaço favorável para o desenvolvimento da pesquisa já que esses docentes assumiam uma postura bastante desafiadora para a realidade na qual estavam inseridos.

Durante os meses de maio a novembro foi possível selecionar dados como entrevistas, depoimentos, fotos e vídeos do projeto “Passeando também

se aprende” que proporcionou o conhecimento dos principais procedimentos metodológicos adotados pelos professores no desenvolvimento de duas atividades pedagógicas de um mesmo projeto. Sendo que uma temática com a turma 1607 e outra em forma de oficina com alunos do 9º ano. Foram observadas “O entorno da Escola” e a “Travessa Manuel de Jesus (Beco dos Crioulos)”.

A partir destes relatos, é possível afirmar que os professores comprometidos em desenvolver tais projetos desafiadores lecionavam há mais de dez anos na escola e estavam periodicamente investindo em cursos de formação continuada. Acreditavam que a atualização permanente possibilitava o desenvolvimento de um olhar ainda mais crítico em relação às políticas públicas adotadas na educação e aos problemas vivenciados no cotidiano escolar.

Como é o caso do aluno Nixon da turma 1607:

A aula é muito chata, todo dia a mesma coisa. Sei que o estudo é importante pra nossa vida, mas a gente passa a maior parte do tempo copiando do quadro... O professor chega aqui e só fala da matéria dele ou fica dando bronca na gente o tempo todo. Faço todos os trabalhos e só tiro nota baixa. É melhor fazer bagunça! Pelo menos a gente se diverte... Quando não tô a fim perturbo a aula o tempo todo até ser colocado para fora da sala. (COSTA, Nixon, turma 1607, 14 anos)

Alunos como Nixon demonstraram não estar preocupados com a reprovação, ameaças ou punições escolares, pois já se sentem excluídos e não acreditam mais que o professor tenha algo a contribuir para a sua formação. Diante dessa realidade, que é comum as escolas públicas, esses professores passaram a assumir uma postura ainda mais política utilizando-se dos recursos pedagógicos mais interativos como forma de facilitar a construção do conhecimento traçando objetivos sobre suas ações pedagógicas que atendessem às diferenças socio-culturais dos grupos envolvidos a fim de construir um currículo multiculturalista valorizando e enriquecendo o processo ensino-aprendizagem com o propósito de tornar a escola um ambiente mais participativo e democrático. Certamente, essas ações contribuíram para a construção da auto-imagem positiva desses alunos ampliando o conhecimento

sobre si mesmo e no desenvolvimento de seu potencial humano que não se resume apenas aos aspectos cognitivos, mas também e, principalmente, em aspectos afetivos.



Figura 5 - Outras Experiências

Quando os professores foram questionados sobre as estratégias estabelecidas para conseguir burlar as dificuldades do cotidiano escolar em prol da execução de projetos tão desafiadores, ficou a pergunta: até que ponto essas adequações não contribuíram para manter os interesses da sociedade de controle? Eis que a professora de geografia respondeu: “A Luta por uma educação inclusiva e de qualidade exige a militância diária dentro e fora do espaço escolar”, pois como afirma Vasconcellos (1997, p. 237), “o professor precisa se reconhecer como sujeito de transformação. É preciso acreditar na possibilidade de mudança do outro, de si e da realidade.”

Refletir sobre as experiências desta escola exige repensá-la em sua dinâmica, procurar os trajetos nos quais cotidianamente ela se reconstrói, como parte de um processo coletivo, dialógico imprevisível, cheio de lacunas, realizado por pessoas com expectativas, compromissos, desejos e sonhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo que objetivou a reflexão acerca da inserção das TICs no cotidiano escolar e no processo de ensino-aprendizagem, foi preciso convidar os filósofos Michel Foucault e Gilles Deleuze para um diálogo sobre a disciplina dos corpos e dos riscos vivenciados pelas técnicas de poder num modelo de sociedade em transição entre a disciplina e o controle.

É certo que o mundo contemporâneo apresenta uma dinâmica cada vez mais exigente em relação à adaptação do comportamento humano à realidade imposta, principalmente pelo mercado capitalista e, conseqüentemente pela globalização. A globalização provoca um amplo processo de mudança, que desloca as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e abala os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social, gerando uma crise de identidade (HALL, 2001).

Os estudos de Apple (2006) enfatizam que a escola por ser considerada um espaço social por onde circulam e interagem diferentes formas de cultura, ainda reproduz em muitas situações, um ensino homogêneo através de um currículo que muitas vezes silencia a diversidade e não vê os alunos como sujeitos que dialogam com todos os dilemas de uma sociedade marcada por mudanças estruturais, que fragmentam e reorganizam suas vidas e alteram suas identidades.

À luz de Foucault e Deleuze foi possível perceber (através da observação das práticas desenvolvidas em uma escola que serviu como campo nesta pesquisa) que a educação escolar, tal como está estruturada, pode funcionar como agente de manutenção da classificação e hierarquização social. Por isso, o currículo (que se realiza nas práticas cotidianas das escolas) não é um elemento neutro de transmissão desinteressada de conhecimentos, mas também é construído nos interesses que se elegem no sistema educativo. Sendo assim, a simples presença das novas TICs não torna as salas de aula mais modernas, democráticas e interessantes. Conclui-se, portanto, que é prematuro associar o conceito de tecnologia ao de inovação.

No entanto, os educadores comprometidos com uma educação de qualidade não podem mais ficar alheios às modernidades. É preciso questionar sobre o trabalho que norteia sua prática pedagógica: Qual é a ideologia vigente? Quais são os interesses em se investir em políticas públicas? Qual a finalidade de determinados projetos e programas? O currículo está a serviço de quem? Que projeto político pedagógico é mais apropriado para atender os interesses da comunidade escolar? Como as tecnologias estão sendo incorporadas ao processo educacional e o que elas estão trazendo de transformação, de inovação ou simplesmente é mais um mecanismo do poder dominante para controlar as ações pedagógicas e o currículo das escolas?

Hoje, o professor precisa ser crítico, atuante, questionador e participativo para se tornar integrado à sociedade do conhecimento junto com os seus alunos, pois eles estão permanentemente em contato com tecnologias cada vez mais avançadas. Logo, precisam melhorar suas competências e conhecimento nesta área, desenvolver atitudes positivas e críticas face às TICs, aprendendo a analisar criticamente seus conteúdos e símbolos.

Formar alunos cidadãos é o grande desafio para o professor visto que sua prática docente deve contribuir para o desenvolvimento da criatividade, do senso crítico, da ação investigativa, espírito de solidariedade e a sua inclusão social. Então, qual seria o papel das TICs neste contexto?

Durante esta pesquisa ficaram registradas as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar: o mesmo padrão ritualizado, salas superlotadas, seriações, conteúdos programáticos preestabelecidos, carga horária e calendários rígidos, a dificuldade da comunidade escolar em executar um projeto político pedagógico contextualizado com a realidade do aluno devido a uma questão muito mais estrutural e administrativa do que pedagógica.

No município do Rio de Janeiro, as escolas recebem uma demanda muito grande de material técnico-pedagógico, porém continuam adotando os mesmos métodos tradicionais do passado. Não se pode trabalhar com oficinas, a não ser nos Pólos de Educação para o Trabalho. A filosofia vigente é trabalhar com o auxílio das TICs com a turma toda em parceria com a sala de leitura, que também abraça outra grande responsabilidade que se traduz no

desenvolvimento de projetos específicos determinados pela (SME) Secretaria Municipal de Educação.

A questão é que a escola precisa mudar. E a mudança de paradigma deve começar com a valorização dos profissionais da educação através de salários dignos, cursos de formação continuada, planos de carreira, sem contar o quanto é importante investir em cursos de atualização com abono de ponto e remunerados, fóruns, palestras, seminários para que este se sinta estimulado e consciente do seu papel social e político no exercício de sua profissão.

Embora a ação pedagógica do professor ainda seja bastante expositiva, percebe-se uma postura bastante desafiadora por parte da categoria que vem enfrentando e resistindo aos problemas do dia a dia criando estratégias para romper com a estrutura viciada da escola e buscar soluções para conciliar as novas tecnologias aos métodos tradicionais sem abrir mão de sua militância política, pois enquanto a ação pedagógica ficar fundamentada em bases teóricas sem uma mudança estrutural do sistema educacional brasileiro, a atuação docente continuará limitada e os projetos executados de forma estanque. Como dizia Paulo Freire (1996, p.43,44) "na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática."

Durante a pesquisa realizada na E.M. Rosária Trotta pode-se observar que os alunos estavam mobilizados e motivados a participar das atividades ricas em recursos tecnológicos, tornando-as espaço de criação, inovação e receptividade. Numa perspectiva transformadora os professores observados lutam por uma escola cidadã que valoriza o diálogo e respeita as diferenças criando projetos desafiadores que começa com uma visão afetiva para incentivar e mobilizar suas ações pedagógicas. Não acreditam numa educação autoritária, pois ela não é capaz de despertar o interesse do aluno. Segundo Paulo Freire (2001, p.104), numa educação imposta: "Não trocamos idéias. [...] Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, [...] porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção". É preciso se envolver com o

indivíduo que existe por trás de uma turma de alunos enfileirados. O professor precisa conduzir o processo ensino-aprendizagem de forma contextualizada para que o aluno seja capaz de acreditar que pode transformar o mundo. “A escola não pode ficar isolada das lutas mais globais da sociedade.” (GADOTTI, 2006, p. 155)

O tema abordado neste estudo não se esgota nestas linhas, pois para proporcionar à sociedade uma educação de qualidade com ou sem a introdução das TICs, é preciso reafirmar que é preciso investir na formação do professor que deve estar pautada em uma política educacional como projeto de nação, pois sem esse consenso, dificilmente a escola conseguirá atuar e dar continuidade ao trabalho de forma a atender plenamente as necessidades dos alunos e da sociedade contemporânea.

Sendo assim, não se pode perder de vista que “a educação tecnológica não é uma disciplina técnica. É um ramo das humanidades.” (POSTMAN, 2002 p. 218) Esta citação convida a todos a refletir que o humano e o social estão sempre em comunhão, e que a socialização do conhecimento sempre está revestida de interesses políticos e econômicos que transforma o sistema escolar em um mercado e a educação um bem de consumo.

No entanto, muitos educadores resistem a este controle, a esta lógica que desvaloriza o público e aumenta a exclusão. Esta resistência permite que o novo sempre renasça, assim como os sentimentos que nutrem os ideais de educação para uma sociedade mais justa na distribuição de seus bens, na preservação de valores de solidariedade e de coesão social.

REFERÊNCIAS

APPLE, M. W. Ideologia e Currículo. Porto Alegre, Editora: Artmed, 2006.

CORTELLA, Mário Sérgio. Globalização e Qualidade de Vida. Disponível em <http://voltasnoporto.blogspot.com/2008/04/globalizacao-e-qualidade-de-vida.html>>. Acesso em 7 de fevereiro de 2011.

DELEUZE, G. "Post-scriptum sobre as sociedades de controle". In: Conversações. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992, p. 219-226 Disponível em <http://profcelsoarodrigues.blogspot.com/2009/09/sarney-nao-e-um-homem-comum.html>>. Acesso em 18 de dezembro de 2010.

DUSSEL, I.; CARUSO, M. A Invenção da Sala de Aula. Uma Genealogia das Formas de Ensinar. São Paulo, Editora Moderna, 2003.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. Petrópolis, Editora Vozes, 2010.

FREIRE, P. Educação Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____, P. Pedagogia da Autonomia. 23ª ed. Editora Paz e Terra, 1996.

_____, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

_____, P. *Educação como prática da liberdade*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GADOTTI, M. Concepção Dialética da Educação: Um estudo introdutório. 15ª Edição. São Paulo. Editora Cortez, 2006.

GALLO, S. Deleuze & a Educação. 2ª Edição. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2008.

GINZBURG, C. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Cia das Letra, 1987.

GUTIERREZ, F. Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo. Editora: Summus, 1978.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 5. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOFFMANN, J. Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-escola a Universidade. 14ª ed. Porto Alegre, 1993.

INCLUSÃO DIGITAL – Disponível em: <http://desafios2.ipea.gov.br/003/00301009.jsp?ttCD_CHAVE=13551>. Acesso em: 18 de novembro de 2010.

INTERNET COMO FERRAMENTA DE MOBILIZAÇÃO - Disponível em: <<http://www.guiame.com.br/v4/128333-1846-Internet-instrumento-de-mobiliza-o-social-dos-jovens.html>>. Acesso em 10 de junho de 2011.

LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasil. 1996.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Ed.34, 1999.

_____, Pierre. As Tecnologias da Inteligência- O Futuro do Pensamento na Era da Informática. Rio de Janeiro. Ed.34, 1993.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, (Coleção magistério Série Formação do professor). 2008.

_____, J. C. Organização e gestão da escola: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES - Inclusão Digital - Disponível em <<http://www.mc.gov.br/inclusao-digital-mc>>. Acesso em: 22 de novembro de 2010.

MORAN, J. M. A Educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá-Campinas, SP: Papyrus, 4ª Edição, 2009.

_____, J. M. Como utilizar a Internet na educação. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0100-19651997000200006>. Acesso em: 16 de dezembro de 2010.

_____, J. M. Desafios da televisão e do vídeo à escola. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/desafio.htm>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2010.

_____, J. M. Mudar a forma de ensinar e de aprender. Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/textos.htm>>. Acesso em: Acesso 18 de dezembro de 2010.

MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

POSTMAN, N. O fim da educação. Redefinindo o valor da escola. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2002.

REDE SOCIAL VIRTUAL. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_social_virtual> Acesso em 10 de junho 2011.

SANTOS, M. Por uma outra Globalização. Rio de Janeiro. Ed. Record, 2000.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (Org.). Integração das Tecnologias na Educação. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/publicacoes/salto_para_o_futuro/livr_o_salto_tecnologias.pdf>. Acesso em: 14 de dezembro de 2010.

SIBÍLIA, Maria Paula. Obsolescência do humano serve à economia e à tecnociência, 2005. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/entrevistas/2005/10/entrevista1.htm>>. Acesso em: 16 de janeiro de 2011.

VASCONCELLOS, C.S. (In)Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad Editora, 2004.

_____, C.S. Os Desafios da Indisciplina em Sala de Aula e na Escola, 1997. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf>. Acesso em 7 de junho de 2011.

_____, C. S. Planejamento: projeto de ensino aprendizagem e projeto político-pedagógico. 9ª Edição. São Paulo: Editora: Libertad, 2000.

VEIGA, I. P. A. (org) Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 14ª edição. Campinas, São Paulo. Papyrus, 2002.

VEIGA. N. A. Foucault & a Educação. 2ª Edição. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2007.